

A catequese e a inspiração catecumenal

**História da Catequese:
Puebla, México, 1979**

Pág. 3

Israel José Nery

**Inspiração catecumenal
e conversão pastoral**

Pág. 17

João Fernandes Reinert

**Aspectos metodológicos
que brotam da inspiração
catecumenal**

Pág. 27

Ariél Philippi Machado

**Os sacramentos do
batismo, crisma e
eucaristia na perspectiva
da catequese a serviço da
iniciação à vida cristã**

Pág. 37

Lucia Imaculada

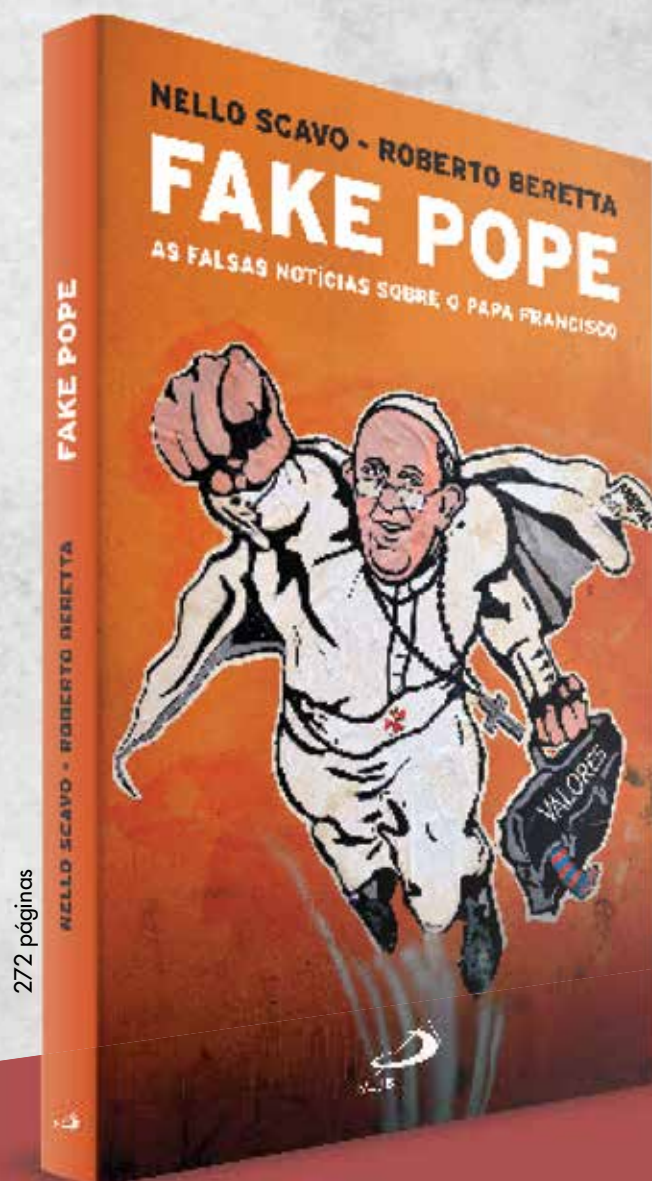
Roteiros homiléticos

Luiz Alexandre Solano Rossi

Pág. 45



Se está na internet, *nem sempre* é verdade!



272 páginas

FAKE POPE

AS FALSAS NOTÍCIAS SOBRE O PAPA FRANCISCO

Nello Scavo e Roberto Beretta

Francisco é o papa mais difamado da história? Levando em conta a quantidade de boatos que pipocam sobre ele internet afora, a resposta é sim! E muita gente acredita neles. Mas será que tudo que está na internet é verdade? *Fake Pope: as falsas notícias sobre o Papa Francisco* prova que não! Escrito pelos jornalistas Nello Scavo e Roberto Beretta, o livro reúne 80 falsas notícias sobre Francisco, revelando uma das maiores pragas do nosso tempo: as *fake news*.



TAMBÉM
DISPONÍVEL
EM EBOOK

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

  
[@editorapaulus](https://twitter.com/editorapaulus)

A nossa palavra é **comunicação!**
paulus.com.br


PAULUS

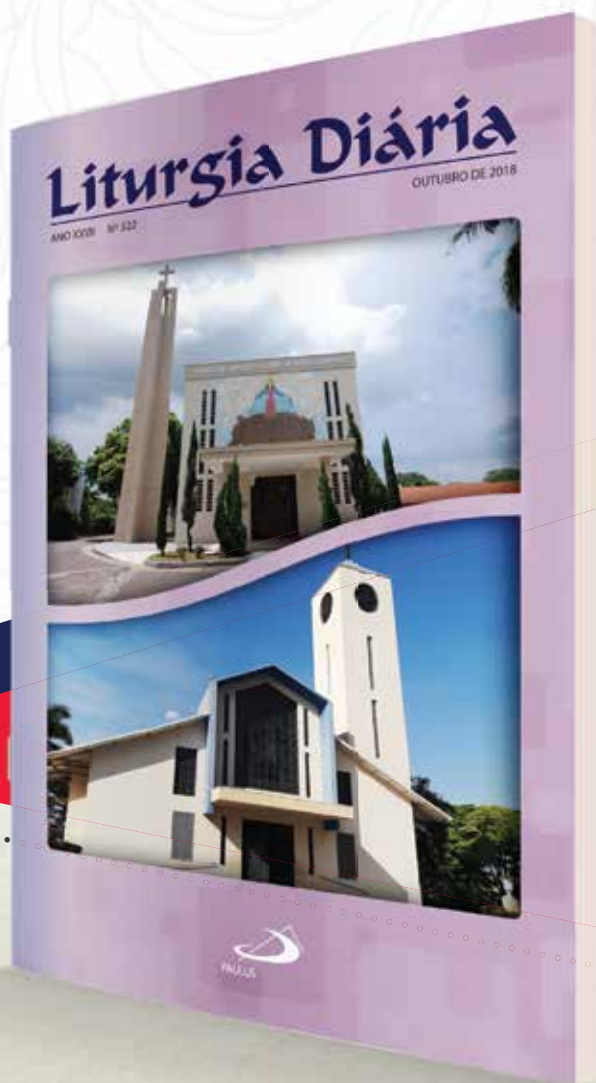
Liturgia Diária

formato grande!



- Letras maiores, facilitando a leitura
- Partes fixas da missa, leituras e orações
- Opções de orações eucarísticas
- Pistas para reflexão
- Círculo Bíblico aos domingos
- Cantos litúrgicos

Formato: 17 cm x 24 cm



Com mais de 25 anos de história, a **Liturgia Diária** é o seu guia para rezar, celebrar e meditar a Palavra de Deus diariamente. Pioneiro no Brasil, este periódico mensal também pode ser encontrado em formato grande, com letras maiores, para facilitar a leitura e proporcionar a você a melhor experiência de encontro com Deus.

Tel.: **(11) 3789-4000** (Grande São Paulo)
0800-164011 (outras localidades)
WhatsApp: **(11) 99974-1840**
E-mail: assinaturas@paulus.com.br

  
@editorapaulus


PAULUS

VAMOS REPENSAR A PASTORAL?

Os desafios da iniciação à vida cristã para a Igreja de hoje



Novos tempos pedem novos caminhos para formar cristãos comprometidos com o projeto de Jesus. Mas qual é o lugar da pastoral nesse processo de renovação da Igreja? E de quem é a tarefa de gerar novos filhos na fé? Numa obra atual e acessível, o padre e teólogo João Fernandes Reinert abre um mundo de oportunidades para repensar a pastoralidade à luz da inspiração catecumenal, uma peça-chave da nova evangelização.

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

Neste ano de 2019, *Vida Pastoral* completa 60 anos de publicação em terras brasileiras. Trata-se, pois, particularmente de um ano de ação de graças pelo bem que este veículo de comunicação proporciona aos agentes de pastoral nas comunidades em todo o Brasil. De modo que nosso primeiro agradecimento se dirige a você, nosso interlocutor.

O serviço que esta revista presta ao povo de Deus nasce do coração apaixonado do seu fundador, Pe. Tiago Alberione (Itália, 1884-1971). Na gênese da fundação da congregação dos Paulinos (1914) está o desejo fundamental de viver e anunciar o evangelho na cultura da comunicação. Alberione sempre insistiu que a missão estivesse profundamente marcada pelo caráter pastoral, como ensina o apóstolo são Paulo: “tornar-se tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo” (1Cor 9,22).

Esta publicação nasce como parte desse empenho, disseminando conteúdos formativos, inspirados na Palavra de Deus, em sintonia com o Magistério da Igreja, para colaborar com a ação humanizadora e evangelizadora e iluminar a realidade do povo.

No espírito do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais latino-americanas, *Vida Pastoral* sempre procura ficar atenta ao que ordena o Divino Mestre: “Se alguém quiser ser o primeiro, que seja o último de todos e aquele que serve a todos!” (Mc 9,35). Daí decorre a opção editorial de pôr-se ao lado do pequeno, do diminuto, daqueles que não são lembrados.

Desde o seu primeiro número no Brasil (1959), a revista procura ser fiel ao evangelho, em sintonia com aquilo em que insiste seu fundador: “Fazei a todos a caridade da verdade”. Nesse sentido, inaugurando este jubileu de diamante – 60 anos –, renovamos nosso compromisso na esteira do pensamento do papa Francisco: “Saíamos, saíamos para oferecer a

todos a vida de Jesus Cristo! [...] Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG 49). De fato, o papa Francisco tem insistido na expressão “Igreja em saída”. Não somente em seus discursos, mas sobretudo nos gestos. O pontífice tem dado testemunho de uma Igreja que não se acomoda na sacristia e nos escritórios frios, que não se autorreferencia, entretanto vai ao encontro dos que estão nas periferias geográficas e existenciais.

É nessa perspectiva que iniciamos o jubileu de *Vida Pastoral* com o tema da catequese de iniciação à vida cristã. Nosso compromisso com Jesus Cristo começa desde aquele dia em que nos banhamos nas águas batismais. Ali nosso corpo foi banhado em Cristo. “Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas antigas passaram, e eis que surgiram coisas novas” (2Cor 5,17). Somos, portanto, membros dele e formamos com ele um único corpo. Este é um mistério que nos envolve e nos enche de alegria. Mas é também comprometedor: no corpo do cristão manifesta-se a realidade do corpo de Cristo. Daí uma espécie de alerta: nos pensamentos, nas palavras, nas atitudes do cristão, deve brilhar o testemunho da vida em Cristo.

Esperamos que os assuntos aqui tratados ressoem na vida e na experiência de cada agente de pastoral e abram novos horizontes de fé, de esperança e de amor para nossas comunidades. Jesus, o verdadeiro catequista, nos inspire na missão.

Cordialmente.

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Jornalista Responsável Valdir José de Castro, ssp
Editor Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Conselho editorial Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Claudio Avelino dos Santos, ssp
Darci Luiz Marin, ssp
Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Ilustrações Patrícia Campinas
Editoração Fernando Tangi
Revisão Alexandre Santana e Iranildo Bezerra

Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • WhatsApp: 99974-1840
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica. Área: Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus.

A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
WhatsApp: 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:
Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



História da Catequese: Puebla, México, 1979

Israel José Nery*

Este artigo traça um panorama da catequese nos dez anos depois de Medellín (1968) e, de modo especial, expõe o que o Documento de Puebla (1979) traz sobre ela. Não podemos esquecer, porém, da 6ª Semana Internacional de Catequese, realizada também em Medellín, na Colômbia, de 11 a 17 de agosto de 1968, cujo documento final foi assumido e adaptado pelos bispos latino-americanos na conferência daquele ano (Cap. 8). Tal texto é decisivo para o impulso renovador da catequese, em nível mundial e latino-americano.

*Irmão Nery, fsc, natural de Machado-MG, é membro do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Irmãos de La Salle). É formado em Filosofia e Teologia pela Universidade Lateranense (Roma, Itália), com especialização em Catequese. Foi assessor nacional de catequese (de 1983 a 1987) e presidente da Sociedade de Catequetas Latino-Americanas (Scala). É escritor, com 70 livros publicados, conferencista e presidente da Sociedade Brasileira de Catequetas (SBCat). Reside em São Paulo-SP. E-mail: irmaonery@gmail.com

Introdução

Celebramos, em 2019, os 40 anos da 3ª Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe, que ocorreu em Puebla, no México, marcando os dez anos de Medellín. Tal evento eclesial em Puebla, programado para 1978, teve de ser adiado para 1979,



entre os dias 27 de janeiro e 13 de fevereiro, em razão do falecimento dos papas Paulo VI e João Paulo I e da eleição do pontífice Karol Wojtyła, que escolheu o nome de João Paulo II. Participaram de Puebla 356 bispos.

1. Alguns antecedentes de Puebla

1.1. Roma, 1971

Em abril foi publicado, em obediência ao Concílio Vaticano II (1962-1965), o *Diretório Catequético Geral* (DCG).¹ Para impulsionar o conhecimento e a aplicação desse DCG, realizou-se em Roma, em setembro do mesmo ano, um Congresso Internacional de Catequese, promovido pela Sé Apostólica. Nesse evento, alguns catequistas latino-americanos apresentaram as novidades de Medellín. Ressaltaram algumas características da catequese, afirmando, sobretudo, que ela precisava: a) ser situacional; b) ser conscientizadora; c) ser evangelizadora; d) ser libertadora e promotora do ser humano; e) ter incidência política; f) levar à unidade entre teoria e práxis. Ou seja, falava-se de uma catequese que tentava realizar a síntese entre Sacramento e Antropologia, entre Libertação, Bíblia, Tradição, Teologia, Eclesiologia de Comunhão e Doutrina.

Durante o referido congresso, o papa Paulo VI, na Audiência Geral do dia 22 de setembro, chamou a atenção ao dizer que a catequese é obra de toda a Igreja, e não apenas dos catequistas; não pode se limitar às crianças, na idade da iniciação cristã, mas deve progredir com a vida, até a idade madu-

“A catequese é obra de toda a Igreja, e não apenas dos catequistas; não pode se limitar às crianças, na idade da iniciação cristã, mas deve progredir com a vida, até a idade madura” (*Christus Dominus*, n. 14)

ra (cf. *Christus Dominus*, n. 14), até a velhice. Elogiou e estimulou as mães e os pais, que se tornam os amorosos mestres dos seus próprios filhos ao colocar-lhes nos lábios as primeiras orações e nas mentes as primeiras noções do Deus que está conosco.²

O pontífice também dirigiu uma palavra de gratidão aos religiosos, religiosas, leigos e leigas: “dedicados ao ensino do catecismo, exercitais, vós mesmos, as mais preciosas virtudes cristãs e dais à Igreja um inestimável contributo de fidelidade e vitalidade”.

No final de sua alocução, falou aos catequistas:

Por fim, dirigimos uma palavra de louvor, estímulo e reconhecimento, em nome de toda a Igreja Católica, aos catequistas paroquiais, especialmente a vós, catequistas missionários, homens e mulheres, que sois os verdadeiros e os primeiros semeadores da Palavra do Senhor. A vós, as comunidades eclesiais devem a sua nascente fecundidade. A vós é confiado um precioso e, muitas vezes, imprescindível ministério de suplência e promoção, em favor das vossas comunidades.

O papa ainda lembrou as palavras de santo Agostinho a respeito da necessária união interior que qualifica a missão de catequizar: “O que narras, debes narrá-lo de tal modo que a pessoa com quem falas, ao ouvir o que dizes, creia, e crendo, espere, e esperando, ame”.³

² Cf. <https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/audiences/1971/documents/hf_p-vi_aud_19710922.html> Acesso em: 24 ago. 2018.

³ “Quidquid narras ita narras ut ille cui loqueris audiendo credat, credendo speret, sperando amet.” S. AGOSTINHO. *De Catechizandis Rudibus*, c. IV, 8, em: PL 40, n. 316).

¹ O decreto do Vaticano II *Christus Dominus* (CD), em seu n. 44, solicita que se elabore um “Diretório para a instrução catequética do povo”. Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*, n. 1, 1997.



1.2. Roma, 1972

No ano seguinte, em 6/1/1972, Paulo VI promulgou, também em obediência ao Concílio Vaticano II,⁴ o *Ritual da iniciação cristã de adultos* (RICA), todo ele baseado no itinerário catecumenal de iniciação cristã, dos séculos III ao V.

1.3. Sínodos

Também se realizaram vários sínodos romanos, entre Medellín (1968) e Puebla (1979), que foram importantes para a renovação da catequese. Citamos os principais: a) sobre Justiça (1971); b) sobre Evangelização (1974), do qual surgiu, em 1975, a *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI; c) sobre Catequese (1977), do qual brotou, em 1979, a *Catechesi Tradendae*, de João Paulo II.

1.4. O contexto

A realidade do Continente da Esperança, nos dez anos pós-Medellín, foi, entretanto, de recrudescimento dos regimes militares de ditadura, com a crueldade das perseguições políticas e ideológicas, torturas, assassinatos, um clima de medo e terror, de silêncio e suspeitas. Muitos intelectuais, cientistas, artistas, políticos, religiosos/as e líderes populares tiveram de fugir ou foram expulsos de seus países.

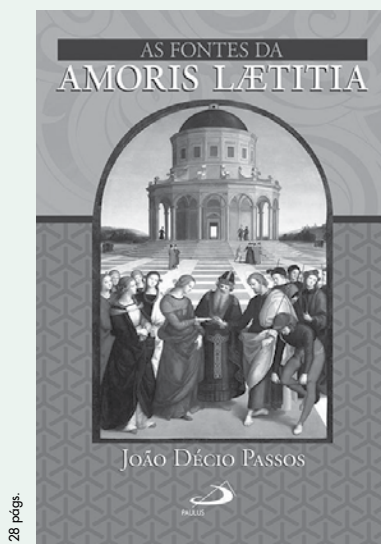
Nesse contexto social, econômico, político, cultural e religioso é que foi realizada a 3ª Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe, na cidade de Puebla. E o papa João Paulo II, logo depois de sua eleição, declarou o seu propósito de estar no evento.

Uma olhada atenta para o momento histórico da Igreja, de 1968 a 1979, permite-nos detectar três influências principais para a convocação, o desenvolvimento e as conclusões

⁴ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n. 64-66; Decreto *Ad Gentes*, n. 14; Decreto *Christus Dominus*, n. 14. Cf. RICA, n. 2: "o Concílio Vaticano II decretou que ele [o Ritual] fosse restaurado e revisito, adaptando-o às tradições locais".

As fontes da *Amoris Laetitia*

João Décio Passos



A exortação apostólica sobre o amor na família, a *Amoris Laetitia*, chegou como uma proposta de mudança e de retorno ao coração do Evangelho como caminho de renovação da Igreja. No entanto, nem todos compreenderam a mensagem de Francisco. Em um trabalho completo e esclarecedor, João Décio Passos resgata as raízes profundas da exortação apostólica do Papa Francisco que mais ruído causou ao ser publicada.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



de Puebla: a) o Sínodo sobre Evangelização (1974), com a posterior publicação da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do papa Paulo VI (1975); b) a batalha contra a Teologia da Libertação perpetrada por uma ala da Igreja latino-americana, a qual também era contra as consequências teológicas e pastorais do Concílio Vaticano II (1962-1965) e de Medellín (1968) no continente, tendo como um dos seus líderes e mentores o próprio secretário-executivo do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), dom Alfonso López Trujillo, em total oposição ao presidente do mesmo conselho, o brasileiro dom Aloísio Lorscheider; c) a realidade política, social, econômica e ditatorial do continente, com o aumento da pobreza e do medo em face das arbitrariedades dos regimes militares.

2. A realização de Puebla

O ponto de partida da 3ª Conferência, a pedido de Paulo VI, foram as conclusões de Medellín e seu pano de fundo, bem como a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 1975, fruto do Sínodo de 1974 sobre “a evangelização no mundo contemporâneo”. A preocupação básica de Puebla foi, portanto, a evangelização, missão fundamental da Igreja, no presente e no futuro da América Latina. No entanto, influenciado por dom Alfonso López Trujillo, o papa João Paulo II foi ao evento com forte reticência à Teologia da Libertação e ao esforço do episcopado continental de firmar-se em Medellín e consolidar uma Igreja católica e apostólica com rosto latino-americano. Teve grande repercussão internacional a atitude de dom Trujillo de proibir a participação de teólogos, particularmente da Teologia da Libertação, em Puebla, mesmo como assessores dos seus bispos. Apesar dessa truculência, eles se organizaram sob a coordenação da Ame-

ríndia⁵ e conseguiram colaborar muito com a conferência.

3. O documento final de Puebla

Com o título *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*, o Documento de Puebla (DP) foi aprovado e publicado. Todas as suas cinco partes são fundamentais para a renovação da catequese: 1) Visão pastoral da realidade latino-americana; 2) Desígnio de Deus sobre a realidade da América Latina; 3) A evangelização na Igreja da América Latina: comunhão e participação; 4) Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina; 5) Sob o dinamismo do Espírito: opções pastorais.

Em fidelidade ao Concílio Vaticano II, a João XXIII, a Medellín, a Paulo VI e em atenção à realidade sofrida do continente, o referido documento, apesar das poderosas barreiras, conseguiu explicitar a opção da Igreja pelos esquecidos e descartados da humanidade, com seus variados e gritantes rostos de dor,⁶ e convocar toda a Igreja e as pessoas de boa vontade para a reintegração social dessa imensa multidão de sofredores, recuperando e promovendo seus direitos e valores. Puebla evidencia um dado evangélico essencial na vida de todos os cristãos: não é possível, para um seguidor de Jesus Cristo, prescindir da justiça social e da libertação integral do ser humano. Tal convicção está claramente embasada no Documento de Puebla, nos capítulos referentes à verdade sobre Cristo, à verdade sobre o ser humano e à verdade sobre a Igreja.

⁵ Sobre a Ameríndia, cf. <<http://www.cristianosnred.org.uy/enredando/es-ES/quienes-somos/integrantes/amerindia-uruguay>>. Acesso em 12 set. 2018.

⁶ DP 32-39; “Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor (que nos questiona e interpela)” (DP 31).



4. Uma leitura catequética de Puebla

Retomemos as grandes partes desse documento para destacar tanto as referências diretas à catequese como o que, ali, se mostra de grande importância para a sua renovação.

4.1. Primeira parte – Visão pastoral da realidade latino-americana

Capítulo I: Visão histórica da realidade latino-americana. Uma abordagem histórica da realidade do nosso continente revela, entre outras coisas, o seguinte:

Nosso radical substrato católico, com suas formas vitais de religiosidade vigente, foi estabelecido e dinamizado por uma imensa legião missionária de bispos, religiosos e leigos [...]. Ensinam-nos todos que [...] o evangelho, em sua plenitude de graça e de amor, foi e pode ser vivido na AL como sinal da grandeza espiritual e da verdade de Deus. Intrépidos lutadores em prol da justiça e evangelizadores da paz [...] demonstram, com a evidência dos fatos, como a Igreja faz a promoção da dignidade e da liberdade do homem latino-americano (DP 7-9).

No n. 9, o DP se refere explicitamente ao importante trabalho realizado pelos missionários, com sua busca ingente de entrar na própria cultura dos povos autóctones mediante a elaboração de catecismos nas diversas línguas indígenas. Isso sem contar o recurso ao vasto uso de outras ricas e variadas mediações pedagógicas, tais como as artes, desde a música, o canto e a dança até a arquitetura, a pintura e o teatro.

Puebla afirma também que, nessa tarefa de evangelização, catequese e vida de oração, a mulher teve um papel essencial. Ademais, explicita o apreço da Igreja às muitas confrarias e irmandades de leigos e leigas que chegaram a ser a alma e a espinha dorsal da vida religiosa dos crentes e a

fonte remota, mas fecunda, dos atuais movimentos comunitários da Igreja latino-americana.

Capítulo II: Visão sociocultural da realidade latino-americana. Nessa consciência da realidade histórica da missão da Igreja em nosso continente, enfrentando e superando grandes dificuldades políticas, sociais, econômicas, culturais e religiosas, Puebla retoma o impulso renovador do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da 2ª Conferência Episcopal Latino-Americana, em Medellín, na Colômbia, em 1968. Com esse propósito, apresenta novos passos a serem dados no presente e no futuro da evangelização em nosso continente, na fidelidade ao que até então havia sido realizado na missão de ajudar o ser humano “a passar de situações menos humanas a mais humanas”, como ensina o papa Paulo VI em sua Encíclica *Populorum Progressio*, n. 20, sempre a exemplo de Jesus, que passou por este mundo fazendo o bem (cf. DP 15-16).

É muito rica a descrição dos dados positivos em nosso continente, que encheram de alegria os participantes da 3ª Conferência Episcopal Latino-Americana (cf. DP 17-26), assim como a dos dados negativos, que geraram angústia e provocaram o zelo pastoral da Igreja, sobretudo em relação ao desrespeito aos direitos humanos, ao esquecimento dos pobres, aos desmandos políticos e econômicos (cf. DP 27-61). Puebla aponta as causas e raízes reais da situação de injustiça na América Latina (cf. DP 62-70) e sintetiza o panorama inquietante da realidade com esta denúncia: “As angústias e frustrações, se as considerarmos à luz da fé, têm por causa o pecado, cujas dimensões pessoais e sociais são muito amplas”, mas, também, com esta feliz constatação: “As esperanças e expectativas do nosso povo nascem do seu profundo sentido religioso e de sua riqueza humana” (DP 73).

Capítulo III: Visão da realidade eclesial, hoje, na América Latina. A Igreja, em Puebla, propôs-se diversas reflexões, autoavaliou-se corajosamente e lançou-se este questionamento: o



que temos feito diante da realidade em constante mutação, nos últimos dez anos (cf. DP 74), tendo presente a missão fundamental que é evangelizar, aqui e agora, mas com os olhos voltados para o futuro? (cf. DP 75).

No número 78, depois de um relato sobre as profundas mudanças que impactam a população pelas facilidades de informação, comunicação e transportes e também pelo aumento demográfico, a Igreja se viu muito limitada diante de tantos e novos desafios. A situação foi agravada pela crise vocacional, as desistências entre presbíteros, religiosos, religiosas e lideranças leigas. Nesse contexto, a quantidade de ministros da Palavra, de presbíteros e de estruturas eclesiais é insuficiente, e ainda não se conseguiu uma catequese que atinja a vida integralmente.

Puebla constatou o crescimento do indiferentismo religioso, da agressividade ao ensinamento da Igreja e de um cristianismo individualista e até mesmo ideológico. Predominavam, na época, a crescente rejeição aos princípios morais católicos, o ritualismo e práticas católicas tidas como principais sinais de pertença à Igreja (DP 82), porém vividas mais como atos sociais do que de fé (sacramentos e exéquias). A Igreja constatou também que, se, por um lado, as grandes mudanças facilitavam o senso crítico do povo, por outro, ainda havia grande ignorância religiosa entre os católicos, em todos os níveis, não obstante o progresso muito positivo impulsionado pela catequese, especialmente com os adultos (cf. DP 81).

Depois do Concílio e de Medellín, mesmo em meio a tão grande crise, Puebla certifica que “a Igreja tem conquistado paulatinamente a consciência cada vez mais clara e profunda de que a evangelização é sua missão fundamental” (DP 85). Além disso, reco-

nhecendo a importância do método Ver, Julgar (Iluminar) e Agir, afirma não ser possível a evangelização “sem que se faça o esforço permanente para reconhecer a realidade e adaptar a mensagem cristã ao homem de hoje, dinâmica, atraente e convincentemente” (DP 85), “[...] para o aprofundamento da mensagem e para o conhecimento do homem, em suas situações concretas e em suas aspirações” (DP 86), porque o clamor do povo sofredor, percebido como surdo em Medellín, “agora é claro, crescente, impetuoso e, em alguns casos, ameaçador” (DP 87-89).

Os bispos, em Puebla, valorizaram as comunidades eclesiais de base (CEBs) e outros grupos eclesiais que têm trazido importante sopro renovador para a Igreja na América Latina, com destaque ao que se refere à catequese:

A vitalidade das CEBs começa a dar seus frutos; é uma das fontes de onde brotam os ministérios confiados aos leigos: animação de comunidades, catequese, missão. [...] Com estes grupos a Igreja se apresenta em pleno processo de renovação da vida da paróquia e da diocese, mediante uma catequese que é nova não apenas na sua metodologia e no uso dos meios modernos, mas também na apresentação do conteúdo, que é vigorosamente orientado no sentido de introduzir na vida motivações evangélicas em busca do crescimento em Cristo (DP 97; 100).

Eles enfatizaram também a renovação da liturgia, com participação pessoal e ativa, como recomenda o Concílio Vaticano II, enriquecida por cursos catequéticos pré-sacramentais e pela proclamação da Palavra, iluminando e aprofundando a vida cristã (cf. DP 101). Ademais, reconheceram o valor da religiosidade popular, apesar de suas ambiguidades, afir-

**“As esperanças
e expectativas
do nosso povo
nascem do seu
profundo sentido
religioso e de sua
riqueza humana”
(DP 73)**



mando: “As grandes devoções e celebrações populares têm sido um distintivo do catolicismo latino-americano; elas conservam valores evangélicos e são sinal de pertença à Igreja” (DP 109).

Ao desenvolver a temática das *estruturas de evangelização*, Puebla, no que se refere às paróquias (cf. DP 110-111), nota a excessiva centralização no serviço litúrgico e sacramental, em detrimento de formação de pequenas comunidades territoriais ou ambientais, que propiciam uma evangelização mais personalizada e comunitária. Em relação à escola (cf. DP 112), os bispos a consideram um lugar de evangelização e comunhão e identificam a necessidade de mais cristãos comprometidos para nela atuarem. Nos demais temas tratados – bispos, presbíteros, diáconos, vida consagrada, leigos (cf. DP 113-125) –, o destaque é dado aos religiosos e religiosas e aos leigos, aqueles que mais puseram em prática o chamado à renovação feito pelo Concílio e por Medellín.

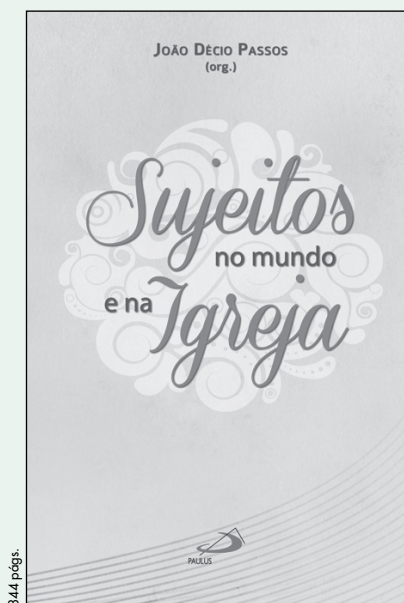
Capítulo IV: Tendências atuais e evangelização no futuro. Depois de rica descrição crítica da realidade latino-americana, Puebla faz dois alertas contundentes: a) “o contraste notório e provocante entre os que nada possuem e os que ostentam sua opulência é um obstáculo insuperável a que se estabeleça o reinado da paz” (DP 138); b) se não mudarem as tendências atuais, continuará a exploração irracional dos recursos e a contaminação da natureza, “com o aumento de graves prejuízos para o homem e para o equilíbrio ecológico” (DP 139).

Para colaborar com a libertação e a promoção do povo, a Igreja, em fidelidade a Medellín, quer fazer que “o anúncio do evangelho consiga desencadear entre nós toda a sua força de fermento transformador” (DP 142) e “quer pôr a serviço dos nossos povos os recursos de uma ação pastoral adaptada às circunstâncias presentes” (DP 143).

A Igreja em Puebla, diante dos grandes desafios e oportunidades do continente, de-

Sujeitos no mundo e na Igreja

João Décio Passos (org.)



A Nova Evangelização passa pela ação missionária, que prepara verdadeiros discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Nesse sentido, cresce na Igreja do Brasil o interesse das dioceses pela criação dos Conselhos Diocesanos de Leigos, visando aprofundar sua identidade e atuação. É preciso juntar forças, unir-se na mesma ação evangelizadora, partilhando sonhos e desejos, convocando todos os batizados para uma reflexão sobre a missão da Igreja não apenas para os leigos, mas com os leigos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



clara que necessita de nova evangelização e, consequentemente, de unidade, organicidade e coesa canalização de todas as suas energias. Para que isso aconteça: a) investirá corajosamente na pastoral urbana e rural, na animação vocacional e na formação dos fiéis em vista de um laicato amadurecido e evangelizador (cf. DP 151-155); b) na evangelização, “dará prioridade à proclamação da Boa-Nova, à catequese bíblica e à celebração litúrgica, como resposta à crescente ânsia do povo pela palavra de Deus” (DP 150); c) “reconhecerá a validade da experiência das CEBs e estimulará seu desenvolvimento em comunhão com os pastores” (DP 156); d) empenhar-se-á decididamente “em educar a fé cristã do povo simples, naturalmente religioso, e o preparará, de forma adequada, para receber os sacramentos” (DP 157); e) “dará maior importância aos meios de comunicação social e os empregará para a evangelização” (DP 158).

4.2. Segunda parte – O desígnio de Deus sobre a realidade da América Latina

Após reafirmar, à luz da *Gaudium et Spes*, n. 1, que “a Igreja na América Latina sente-se íntima e realmente solidária com todo o povo do continente” (DP 162), Puebla dedica o Capítulo I da Segunda Parte ao *conteúdo da evangelização*. Explícita, em densos parágrafos, o tríptico enunciado pelo papa João Paulo II em seu Discurso de Abertura da 3ª Conferência: a) *a verdade a respeito de Cristo*, o salvador que anunciamos (tema 1: DP 178-219); b) *a verdade a respeito da Igreja*, o povo de Deus, sinal e serviço de comunhão (tema 2: DP 220-305); c) *a verdade a respeito do homem*, a dignidade humana (tema 3: DP 304-339). Obviamente é impossível haver autêntica catequese sem essas três verdades, intrin-

secamente unidas. No Brasil, o Documento 26 da CNBB, *Catequese renovada, orientações e conteúdo*, assumiu esse tríptico na sua Terceira Parte, “Temas fundamentais para uma Catequese Renovada”, enriquecendo-o com outros documentos da Igreja, mas relembrando que o temário fundamental da catequese é a Bíblia (cf. CR 162).

Destacamos da Segunda Parte do DP, no que tange ao *ministério da evangelização* (cf. DP 348ss) e, nele, o da catequese, os números 356-360. Mediante o processo evangelizador universal (cf. DP 361), em cumprimento do mandato missionário recebido de Jesus em Mt 28,19: “Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos” (cf. DP 362), a Igreja:

a) “dá testemunho de Deus, revelado em Jesus Cristo pelo Espírito que, dentro de nós, clama Abba, ‘Pai’ (cf. Gl 6,7) e, assim, comunica a experiência de sua fé nele” (DP 356); b) “anuncia a Boa-Nova de Jesus Cristo, mediante a palavra da vida: este anúncio suscita a fé, a pregação, a catequese progressiva que a alimenta e educa” (DP 357); c) “gera a fé, que é conversão do coração e da vida, entrega da pessoa a Jesus Cristo; dá a participação na sua morte, para que a vida de Cristo se manifeste em cada homem e mulher. Esta fé, que também denuncia o que se opõe à construção do Reino, implica rupturas que são necessárias e às vezes dolorosas” (DP 358); d) “leva ao ingresso na comunidade dos fiéis, que perseveram na oração, na convivência fraterna e celebram a fé e os seus sacramentos, cujo ápice é a Eucaristia” (DP 359); e) “envia como missionários os que receberam o evangelho, com ânsia de que todos os homens sejam oferecidos a Deus e de que todos os povos o louvem (cf. Rm 15,16)” (DP 360).

Para que tudo isso possa tornar-se realidade, Puebla insiste na necessidade de formar continuamente comunidades eclesiais

**“Puebla
alerta sobre a
necessidade da
missionariedade
‘ad gentes’ dessa
mesma Igreja, em
direção a outras
latitudes do
mundo”**



mais vivas (cf. DP 364), animadas por “cris-tãos mais fiéis e amadurecidos em sua fé”, alimentados por “uma catequese adequada e uma liturgia renovada” (DP 364).

A complexa realidade da população da América Latina, porém, exige da Igreja a tarefa de “atender às situações que mais precisam de evangelização” (DP 364): a) situações permanentes, como os indígenas e os afro-americanos (cf. DP 365); b) situações novas, que nascem das mudanças socioculturais e exigem outra evangelização, como os emigrantes, grandes aglomerados urbanos, massas populacionais em precária situação de fé, grupos expostos à influência de seitas e ideologias (cf. DP 366); c) situações particularmente difíceis, como os grupos cuja evangelização é urgente, mas muitas vezes adiada: universitários, militares, operários, jovens, mundo da comunicação social etc. (cf. DP 367).

Exatamente pela clara consciência dos grandes desafios e do acúmulo de responsabilidades da Igreja no processo de evangelização do continente, Puebla alerta sobre a necessidade da missionariedade *ad gentes* dessa mesma Igreja, em direção a outras latitudes do mundo, algo que já se realizava, mas era preciso aprofundar mais e ampliar (cf. DP 368):

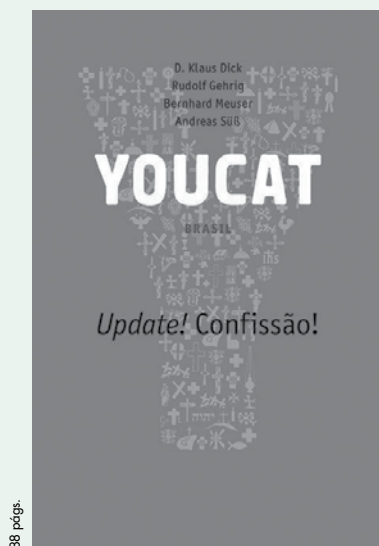
É certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar da nossa pobreza. [...] nossas Igrejas podem oferecer algo de original e importante; o seu sentido de salvação e libertação, a riqueza da sua religiosidade popular, a experiência das comunidades eclesiais de base, a floração de seus ministérios, sua esperança e a alegria da sua fé (DP 368).

Os números 370 a 384 de Puebla, que explicitam os *critérios e sinais de evangelização*, são imprescindíveis para a compreensão e a prática da evangelização, da catequese, da liturgia e de todas as demais iniciativas evangelizadoras, pastorais e missionárias da Igreja.

Update! Confissão!

Edição de luxo

YOUCAT



88 págs.

Este novo livro da coleção YOUCAT, agora publicado em português do Brasil, foi preparado para ser um auxílio nas JMJ, em uma peregrinação ou na Quaresma. No Sacramento da Reconciliação, nos aproximamos ainda mais de Deus. Por isso, Rudolf Dinxbummz, um dos colaboradores da obra original, nos diz que “para aqueles que ainda precisam de um pequeno empurrão, o livro tenta, com explicações breves e concisas, mas também de forma descontraída e divertida, descrever o caminho de volta para Deus através da Confissão”.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



São de grandíssima importância os parágrafos que se referem à *evangelização da cultura* em nosso continente (cf. DP 385-443), assim como à *evangelização e religiosidade popular* (cf. DP 444-469).

Merece especial atenção o que diz Puebla sobre *evangelização, libertação e promoção humana* (cf. DP 470-506) e *evangelização, ideologia e política* (cf. DP 507-562), temas estes que, como vimos, estavam causando sérios conflitos teológicos e pastorais, principalmente em virtude das desconfianças e acusações relativas à possível influência marxista na reflexão e prática da Igreja na América Latina. Como era de esperar, o documento da 3ª Conferência alerta para os *riscos de instrumentalização ideológica e política da Igreja e da atuação de seus ministros* (cf. DP 558-561).

A orientação da Igreja é, segundo Puebla, “ler o político a partir do evangelho e não o contrário” (DP 559), não restabelecer a cristandade medieval, marcada pela aliança estreita entre o poder civil e o poder eclesiástico (cf. DP 560), e jamais cair na “aliança estratégica com o marxismo” (DP 561). Toda a Igreja, afirma Puebla, unida a Cristo “na oração e na abnegação, se comprometerá, sem ódios nem violências, até as últimas consequências, na conquista de uma sociedade mais justa, livre e pacífica, anseio dos povos da América Latina e fruto indispensável de uma evangelização libertadora” (DP 562).

4.3. Terceira parte – A evangelização da Igreja na América Latina: comunhão e participação

Em termos de evangelização e catequese, sem dúvida, o principal da contribuição de Puebla está na Terceira Parte de seu documento final. Logo de início é feito o questionamento: como deve a Igreja viver a sua mis-

são evangelizadora? A resposta é direta, densa, objetiva, concreta:

A ação do Espírito se faz sentir na oração e ao escutar a palavra de Deus; aprofunda-se na catequese, celebra-se na liturgia, testemunha-se na vida, comunica-se na educação e compartilha-se no diálogo, que busca oferecer a todos os irmãos a

vida nova que, sem merecimento da nossa parte, recebemos na Igreja como operários da primeira hora (DP 566).

Para que a Igreja cumpra cabalmente sua missão na América Latina, os bispos, em Puebla, fizeram a opção pela *eclesiologia de comunhão e participação* (cf. DP 567), ricamente apresentada em quatro capítulos:

a) *centros de comunhão e participação* (cf. DP 568-657): a *família*, na qual a catequese (cf. DP 586), robustece a fé e todos se enriquecem pelo testemunho das virtudes cristãs. Nela, os pais são mestres, catequistas e os primeiros ministros da oração e do culto a Deus; *as comunidades eclesiais de base, a paróquia e a Igreja particular* (as quais, segundo DP 631, se renovam por meio de constante atualização da catequese);

b) *agentes de comunhão e participação* (cf. DP 658-891): *ministério hierárquico* (sendo o bispo o primeiro catequista da diocese, cf. DP 687); *vida consagrada*; *leigos* (que, segundo DP 788, dão seu apoio à catequese e contribuem na construção da Igreja como comunidade de fé, de oração e de caridade fraterna); *pastoral vocacional* (DP 866 reconhece que a família é um dos lugares privilegiados da pastoral vocacional);

c) *meios para a comunhão e participação* (cf. DP 892-1095): *liturgia, oração particular, piedade popular; testemunho; catequese; educação; comunicação social*;

“Para que a Igreja cumpra cabalmente sua missão na América Latina, os bispos, em Puebla, fizeram a opção pela eclesiologia de comunhão e participação”



d) diálogo para a comunhão e participação (cf. DP 1096-1126).

É dessa Terceira Parte o capítulo específico sobre a catequese (cf. DP 977-1011), como “educação ordenada e progressiva da fé” (*Mensagem do Sínodo sobre Catequese*, n. 1), que “deve ser atividade prioritária da Igreja na América Latina, se quisermos conseguir uma renovação profunda da vida cristã e, com esta, uma nova civilização que seja participação e comunhão de pessoas na Igreja e na sociedade” (DP 977).

A 3ª Conferência traça vasto panorama sobre a situação da catequese depois de Medellín:

– Quanto aos *aspectos positivos* (cf. DP 978-986): a) “esforço sincero para integrar a vida com a fé, a história humana com a história da salvação, a situação humana com a doutrina revelada, a fim de que o homem consiga a sua verdadeira libertação” (DP 979); b) “uma pedagogia catequética positiva, que parte da pessoa de Cristo para chegar a seus preceitos e conselhos” (DP 980); c) “um amor mais acendrado à Sagrada Escritura, como fonte principal da catequese” (DP 981); d) “uma educação baseada no sentido construtivo da pessoa e da comunidade, numa visão cristã” (DP 982); e) “um redescobrimento da dimensão comunitária da catequese, de sorte que a comunidade eclesial está se tornando responsável pela catequese em todos os níveis: na família, na paróquia, nas comunidades eclesiais de base, na comunidade escolar e na organização diocesana e nacional” (DP 983); f) “uma tomada de consciência cada vez maior de que a catequese é um processo dinâmico, gradual e permanente de educação na fé” (DP 984); g) “um aumento de institutos para a formação de catequistas, em muitas partes e em todos os níveis: diocesanos, nacionais e internacionais” (DP 985); h) “uma proliferação de textos de catecismo”, o que “às vezes é positivo, outras é negativo, na medida em que são parciais ou não renovados” (DP 986).

A profissão da fé

Catequeses sobre o Credo

Bento XVI e Papa Francisco



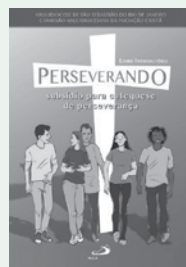
144 págs.

O livro apresenta na íntegra a série especial de catequeses sobre o Credo proferidas por Bento XVI e Papa Francisco nas audiências gerais de 2013, por ocasião do Ano da Fé. Uma obra essencial para compreender com profundidade e com riqueza de detalhes a profissão da fé católica.

Perseverando

Subsídio para catequese de perseverança – Livro introdutório

Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro | Comissão Arquidiocesana da Iniciação Cristã



40 págs.

A catequese de perseverança busca servir à evangelização por meio de uma pedagogia cristã autêntica com adolescentes de pós-Eucaristia. Este primeiro volume da coleção Perseverando ajuda a compreender o universo do jovem, levando em conta a complexidade de seu desenvolvimento como ser humano. O material foi elaborado pela Arquidiocese de São Sebastião (RJ).

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



– Quanto aos *aspectos negativos* da caminhada da catequese (cf. DP 987-991): a) “a catequese não consegue atingir todos os cristãos em medida suficiente, nem todos os setores e situações como, por exemplo: vastos setores da juventude, das elites intelectuais, dos camponeses e do mundo operário, das forças armadas, dos anciãos e dos enfermos etc.” (DP 987); b) “não raro, cai-se em dualismos e falsas oposições, como entre catequese sacramental e catequese vivencial; catequese da situação e catequese doutrinal. Por não situar-se numa posição de justo equilíbrio, alguns têm caído no formalismo e outros no vivencial sem apresentação de doutrina; há os que passaram do memorismo à total ausência de memorização” (DP 988); c) “há catequistas que descuram a iniciação à oração e à liturgia” (DP 989); d) “por vezes, não se respeita a diferença entre certos assuntos que são da alçada dos teólogos e outros que cabem aos catequistas em sintonia com o magistério; devido a isso, tem sucedido difundirem-se, entre os catequistas, conceitos que não passam de meras hipóteses teológicas ou de estudo” (DP 990); e) “verifica-se certa desorientação das atitudes catequéticas no campo ecumênico” (DP 991).

Puebla apresenta, também, os *critérios teológicos da evangelização e da catequese*: a) comunhão e participação (cf. DP 992-993); b) fidelidade a Deus (cf. DP 994); c) fidelidade à Igreja (cf. DP 995); d) fidelidade ao homem latino-americano (cf. DP 996-997); e) conversão e crescimento (cf. DP 998); f) catequese integradora, que deve unir de modo inseparável o conhecimento da palavra de Deus, a celebração da fé nos sacramentos e a confissão da fé na vida cotidiana (cf. DP 999).

A *catequese precisa*, para se renovar e ser eficaz, ter bem presentes alguns objetivos: a)

“O Documento de Puebla traz riquíssima reflexão, com orientações práticas, sobre a ação missionária da Igreja no continente”

“formar homens pessoalmente comprometidos com Cristo, capazes de participação e comunhão no seio da Igreja e dedicados ao serviço da salvação do mundo” (DP 1000); b) “tomar como fonte principal a Sagrada Escritura, lida no contexto da vida, à luz da Tradição e do Magistério da Igreja, transmitindo, além disso, o símbolo da fé; portanto, dará importância ao apostolado bíblico, difundindo a palavra de Deus, formando grupos bíblicos etc.” (DP 1001); c) “dar prioridade pastoral à formação adequada dos catequistas, em diversos institutos, atendendo à sua especialização em função das diversas situações, idades e áreas em que vivem os catequizandos, p. ex. crianças, jovens, camponeses, operários, forças armadas, elites, enfermos, deficientes, presidiários etc.” (DP 1002); d) “nos institutos de formação dos sacerdotes e dos religiosos e religiosas, adaptar a *Ratio studiorum*, como algo urgente para que se intensifique o sentido da transmissão adequada e atualizada da mensagem evangélica” (DP 1003).

Por sua vez, *os catequistas devem procurar*: a) “a integridade do anúncio da Palavra, para superar dualismos, falsas oposições e a unilateralidade” (DP 1004); b) “iniciar os catequizandos na oração e na liturgia; no testemunho e no compromisso apostólico” (DP 1005); c) “ministrar uma catequese vocacionalmente orientadora, explicando também a vocação leiga, suscitando um compromisso adaptado às diferentes idades, desde a infância até a idade adulta” (DP 1006); d) “como educadores da fé das pessoas e das comunidades, empenhar-se numa metodologia que inclua, sob forma de processo permanente, por etapas sucessivas, a conversão, a fé em Cristo, a vida em comunidade, a vida sacramental e o compromisso apostólico” (DP 1007); e) “ministrar uma educação integral



da fé, que incluía os seguintes aspectos: a capacitação do cristão para ‘dar razão de sua esperança’; a capacidade de dialogar ecumenicamente com os outros cristãos; uma boa formação para a vida moral, assumida como seguimento de Cristo, acentuando-se a vivência das bem-aventuranças; a formação gradual para uma ética sexual cristã positiva; a formação para a vida política e a doutrina social da Igreja” (DP 1008).

No que tange à *metodologia* (cf. DP 1009),

os catequistas tenham em consideração a importância da memória, conforme o que afirma o papa Paulo VI: “Memorizar as mais importantes sentenças bíblicas, mormente as do Novo Testamento, e os textos litúrgicos que se usam para a oração em comum e para tornar mais fácil a confissão da fé”; e deem importância às técnicas audiovisuais: desenho, fotopalestra, minimídia, dramatização, canto etc.

Quanto à *ação catequética* (cf. DP 1010), Puebla recomenda: a) “deverá dirigir-se de forma simultânea aos grupos e às multidões. Para estas últimas, são de muita eficácia as missões populares, convenientemente renovadas numa linha evangelizadora”; b) “favoreça-se a catequese permanente, desde a infância até a velhice, integrando-se entre si as comunidades ou instituições que catequizam, a saber, a família, a escola, a paróquia, os movimentos e as diversas comunidades ou grupos”.

4.4. Quarta parte – Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina

O Documento de Puebla traz riquíssima reflexão, com orientações práticas, sobre a ação missionária da Igreja no continente. Imprescindível para a renovação da catequese é a confirmação da Igreja na América Latina e no Caribe das grandes decisões de Medellín, tão combatidas por seus opositores: a opção pre-

ferencial pelos pobres (cf. DP 1134-1165); a opção preferencial pelos jovens (DP 1166-1205); a ação da Igreja junto aos construtores da sociedade pluralista (DP 1206-1253); a ação da Igreja em favor da pessoa na sociedade nacional e internacional (DP 1254-1293).

4.5. Quinta parte – Sob o dinamismo do Espírito: opções pastorais

A última parte do Documento de Puebla traz extensa lista de opções pastorais para a Igreja atuar profeticamente na realidade do continente. O ponto de partida é um ato de fé: “É o testemunho de Jesus que nos envia, como missionários com a Igreja, a dar testemunho dele entre os homens” (DP 1294), mas também uma decisão generosa da Igreja: “Desejamos ser dóceis [...], buscamos a comunhão, pretendemos ser servidores do homem”, respondemos sim à nossa missão no mundo para transformá-lo (cf. DP 1295) com a criatividade do Espírito e o seu dinamismo (cf. DP 1296). Desejamos formar o “homem novo, à imagem do Cristo ressuscitado, portador da nova esperança para seus irmãos” (DP 1296). Para isso a Igreja opta por ser: a) uma Igreja sacramento de comunhão (cf. DP 1302); b) uma Igreja servidora (cf. DP 1303); c) uma Igreja missionária (cf. DP 1304); d) uma Igreja em permanente processo de evangelização, que denuncia as situações de pecado, chama à conversão e se compromete, especialmente por meio dos leigos e leigas, na transformação do mundo (cf. DP 1305).

Os últimos parágrafos do Documento de Puebla, ao mesmo tempo que elencam, com otimismo e ação de graças, *evidentes sinais de muita vitalidade evangelizadora no continente* (cf. DP 1309), fazem contundente profissão de fé: “Ele [Jesus Cristo] é a plenitude de todo ser. É somente em Cristo que o homem encontra sua alegria perfeita” (DP 1310).

À guisa de conclusão

À luz desse amplo panorama do riquíssimo Documento de Puebla, que se baseou em



Medellín (1968) e no contexto da época (fins da década de 1970), podemos elencar alguns pontos para a renovação continuada da catequese: a) a necessidade de integração entre vida e fé, cultura e fé, assim como entre história humana e história da salvação, para o favorecimento da visão integral do ser humano, sujeito partícipe da sua verdadeira libertação em Jesus Cristo; b) a proposição de uma pedagogia catequética que parta da realidade humana e caminhe, à luz da Palavra, da convivência fraterna e do clima orante, rumo ao encontro pessoal com Jesus Cristo, assim como rumo à inserção na comunidade eclesial e ao compromisso com a missão da Igreja; c) o embasamento da vida nova em Cristo, tanto na Sagrada Escritura, como fonte principal da catequese, quanto na liturgia – celebração dos mistérios da fé cristã –, no compromisso com a vida da Igreja e com a sua missão; d) atenção

“A última parte do Documento de Puebla traz extensa lista de opções pastorais para a Igreja atuar profeticamente na realidade do continente”

especial à promoção de uma educação dos catequizandos no sentido crítico e construtivo da pessoa, da comunidade e da sociedade, segundo os valores cristãos; e) ênfase na

dimensão comunitária da catequese e no compromisso da comunidade eclesial com a formação dos catequizandos e com a acolhida fraterna deles; f) esforço decidido para ultrapassar a catequese entendida como “curso”, com ponto de chegada – os sacramentos –, para assumi-la como processo dinâmico, gradual, criativo e permanente de

educação da fé, da esperança e do amor.

O Documento de Puebla alertou, outrossim, para a necessidade de promover decididamente a formação de catequistas e a elaboração de textos segundo os critérios de uma catequese renovada, em conformidade com as orientações do Concílio, de Medellín e da própria 3ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. ●

Referências bibliográficas

- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catequese renovada*: orientações e conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1983. (Documentos da CNBB, 26).
- DOCUMENTOS DO CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.
- PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1975.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da iniciação cristã de adultos*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1972.



122 págs.

O ministério da coordenação da animação bíblico-catequética

Pe. Eduardo Calandro e Pe. Jordélio Siles Ledo, css

Sabemos que evangelizar é, acima de tudo, conduzir a pessoa a um encontro com sua humanidade para poder anunciar Jesus Cristo, centro da ação de uma catequese evangelizadora. Este livro é indicado para todos os catequistas, não somente para quem coordena. Apresentamos pistas de reflexão sobre a importância da coordenação na Animação Bíblico-Catequética, pois acreditamos que não pode haver comunidades realmente vivas se não houver uma boa organização desse ministério.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



Inspiração catecumenal e conversão pastoral

João Fernandes Reinert*

O presente artigo está estruturado com base em duas dimensões fundamentais, as duas colunas da inspiração catecumenal: o querigma e a mistagogia. O querigma, o primeiro anúncio de Jesus Cristo, torna-se realidade obrigatoriamente central para toda proposta pastoral que queira estar no processo de conversão pastoral. A mistagogia, longe de ser apenas o último tempo do percurso catecumenal, é um paradigma evangelizador.

*Frei João Fernandes Reinert, ofm, mestre e doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor do Instituto Teológico Franciscano (Petrópolis). Pároco da Paróquia Santa Clara de Assis, em Duque de Caxias-RJ. Autor de *Pode hoje a paróquia ser uma comunidade eclesial?* (Vozes), *Paróquia e iniciação cristã* e *Inspiração catecumenal e conversão pastoral* (Paulus). E-mail: frreinert@yahoo.com.br

1. A inspiração catecumenal

A incompatibilidade entre o atual mal-estar religioso e as expressões de *pastoral de manutenção* é cada vez mais gritante. Em tempos idos, a pastoral de manutenção tinha sua justificativa, uma vez que aquele contexto de fé “tranquila” não exigia maiores conversões à pastoral de então. O mesmo se pode dizer da instituição paroquial tradicional, cuja configuração garantia a manutenção



da fé cristã, não sendo necessário à época, portanto, maiores mudanças estruturais e pastorais. A problemática surge quando, por um lado, muda a realidade cultural e religiosa e, por outro, os pressupostos pastorais e as estruturas eclesiais permanecem inalterados. Trata-se de um contexto em que a religião deixa de ser um dado cultural, em que *cristãos já não nascem como tais*, e, não obstante, vigora a pastoral de manutenção, até com o retorno de práticas eclesiológicas restauracionistas, no intuito de recuperar o monopólio institucional perdido com a chegada da sociedade secularizada.

O documento da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada em Aparecida, convoca categoricamente todos para a passagem da pastoral de manutenção à *pastoral decididamente missionária* e para o abandono das estruturas obsoletas, ultrapassadas, que não favorecem a transmissão da fé. A quais estruturas caducas se refere o *Documento de Aparecida*? Quais saídas a pastoral é convocada a realizar? Quais expressões de pastoral de manutenção se devem abandonar? Como se configura a pastoralidade verdadeiramente missionária? Essas e outras questões nem sempre são de fácil resposta; exigem discernimento, criatividade, coragem, escuta atenta aos sopros do Espírito e aos apelos da realidade. Se conversão significa mudança de rota e de mentalidade, novos rumos, renovada maneira de pensar, de ser e de agir, então o primeiro passo nesse processo de *conversão pastoral* é se perguntar “onde” se está e “como” se está. Converter-se a algo exige a consciência de “onde” e “como” se está. Sem a consciência do “onde” e do “como”, não se é possível ir a lugar algum.

Na sequência do percurso da conversão pastoral, o passo seguinte e igualmente decisivo refere-se à pergunta: conversão pastoral

para quê, para qual direção, para onde? Sem a clareza da nova direção a ser tomada, a conversão torna-se mero passeio sem rumo, e não verdadeira mudança de rota. Outra questão fundamental para a conversão evangelizadora é a pergunta: *com base em quê?* Trata-se da pergunta sobre os referenciais para a concretização da mudança de rumo pastoral.

Que paradigma de pastoral decididamente missionária em andamento poderá servir de inspiração para a tão urgente conversão eclesial? Chegamos, assim, à motivação maior deste artigo. Resgatar o catecumenato é peça essencial no conjunto de conversões pastorais de uma “Igreja em saída”. A inspiração catecumenal é redescoberta como elemento fundamental nesse processo de conversão eclesial. Sem a inspi-

ração catecumenal, o processo de conversão pastoral se torna por demais vagaroso, senão impossibilitado.

Uma metodologia pastoral se converte em paradigma de evangelização quando extrapola seu campo de atuação e se mostra capaz de inspirar outras ações eclesiais. O catecumenato tem algo para oferecer a toda ação pastoral, converte-se em inspiração à totalidade da ação evangelizadora. Ou melhor, em tempos de crise de fé, já não é permitido separar, com tamanha facilidade, a pastoral da iniciação das demais pastorais. O conjunto das atividades eclesiais é convocado para a transmissão da fé, para a reiniciação à vida cristã. A isso chamamos dimensão transversal do catecumenato na pastoralidade eclesial, paradigma catecumenal para a pastoralidade.

2. Inspiração catecumenal, percurso de fé e clareza do que é iniciação à vida cristã

Desde as suas origens, o catecumenato se entende como uma caminhada de fé, um iti-

“Uma metodologia pastoral se converte em paradigma de evangelização quando extrapola seu campo de atuação e se mostra capaz de inspirar outras ações eclesiais”

nerário de introdução e aprofundamento no mistério de Jesus Cristo e da comunidade eclesial. A estrutura catecumenal está organizada com base nessa autocompreensão, ou seja: se o catecumenato se entende como caminho de introdução no mistério de Cristo e da Igreja, então seus elementos pastorais revelam essa disposição; tem-se clareza de onde se parte e aonde se pretende chegar.

A consciência do objetivo do percurso da iniciação é constitutiva da identidade catecumenal. Não se trata de corrida inconsequente em busca dos sacramentos, mas de itinerário percorrido conscientemente, em vista do tornar-se adulto na fé e no discipulado missionário de Jesus Cristo; os tempos e as etapas, com seus objetivos específicos, os ritos de passagem, a gradualidade do processo, enfim, cada dimensão da metodologia catecumenal confirma a afirmação de que o catecumenato é um percurso consciente e gradual de maturação da vida cristã. A noção de percurso remete à de progressividade, processo, duração, passos sucessivos.

Nas últimas décadas, não poucos esforços têm sido empregados no intuito de fazer da pedagogia catecumenal o modo ordinário de iniciar na fé, superando, de uma vez por todas, a mentalidade segundo a qual a catequese consiste em curso de preparação aos sacramentos. Contudo, bem sabemos que a estrutura e a mentalidade de curso não são superadas de uma hora para outra. A conversão da mentalidade de curso para a lógica do percurso é lenta, o que torna a consolidação do catecumenato morosa. Na compreensão de catequese como preparação aos sacramentos, sobressai a pedagogia do curso, do saber sobre, diferentemente do paradigma do percurso, em que o próprio termo sugere progressividade, amadurecimento, iniciação. Enquanto o primeiro termo indica preparação, sobretudo intelectual, assimilação de conteúdos, o segundo termo indica iniciação, progressividade, continuidade.

O catecumenato é um percurso celebrativo. A evolução na fé, a maturidade cristã conquistada progressivamente, é celebrada liturgicamente. Os ritos catecumenais marcam a passagem de um trecho da caminhada ao outro. Cada tempo percorrido, após terem sido alcançados seus objetivos, é marcado por celebrações específicas, chamadas celebrações de passagem. As celebrações não são apêndices da caminhada; ao contrário, são marcas, pausas, reabastecimentos que marcam a passagem de um tempo já percorrido e o início de outro a ser iniciado. As celebrações e ritos de passagem são alimento que fortalece a continuidade da caminhada, são liturgias que festejam o amadurecimento na fé já alcançado, são “pausas” para tomar maior consciência dos passos dados e dos novos passos a serem percorridos.

As passagens de um tempo ao outro não são, portanto, automáticas. Supõem e exigem discernimento, consciência, amadurecimento, liberdade, expressos nas celebrações. Torna-se evidente que não se trata de um caminhar meramente racional, escolástico. Não se trata de caminhada meramente com os pés da razão, isto é, com o conhecimento racional do mistério, e sim com os pés do coração, da celebração da fé, da experiência.

Uma das mais relevantes contribuições da renovação catequética dos últimos anos, com destaque para a catequese de inspiração catecumenal, está na conversão da compreensão de iniciação à vida cristã, decorrente da clareza teológico-pastoral daquilo em *que* ou daquele em *quem* se é iniciado. Não é por coincidência que se emprega ultimamente a palavra “vida” na iniciação cristã; ou seja, iniciação à vida cristã é a expressão que melhor traduz o processo do mergulho sacramental e existencial no mistério de Jesus Cristo.

A riqueza da metodologia catecumenal é fruto da consciência sobre o que é iniciação e qual o caminho para atingir seu objetivo. Quando se carece de tal nitidez, as inovações



não passam de recursos paliativos, por não tocarem a raiz da questão. Somente quando se sabe ao certo em *que* ou em *quem* se é iniciado é que se pode apresentar *como* se inicia, isto é, o caminho a ser percorrido para alcançar os objetivos perseguidos. No catecumenato, o *como* é consequência da lucidez sobre o *quê*.

O déficit de maturidade cristã no cristianismo se deve, em grande parte, a modelos pastorais que negligenciam a dimensão existencial na evangelização. Antes de chegar aos sacramentos, é preciso assimilar existencialmente os grandes mistérios da fé cristã. Com isso não se está afirmando que a catequese tradicional não almeja a iniciação cristã, o que seria uma acusação injusta; o problema está em sua compreensão de iniciação cristã e no *como* ela se realiza.

3. Conversão pastoral e a não pressuposição da fé

3.1. A missionariedade catecumenal

No percurso catecumenal, existe um tempo para redespertar o interesse por caminhar, para pôr-se a caminho, para conhecer os primeiros passos da estrada do cristianismo. Trata-se do tempo do pré-catecumenato, período fundamentalmente importante que, embora de modo algum deva ser omitido (cf. RICA 9), na pastoralidade e, sobretudo, na pastoral catequética é geralmente dado por já percorrido, o que traz profundas consequências negativas à maturação da fé.

O pré-catecumenato é o tempo para trabalhar a orientação inicial a Cristo e à Igreja. “É o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo” (RICA 9). Trata-se fundamentalmente do tempo voltado à primeira evangelização, para fazer ressoar a voz do misté-

rio, do querigma. Na catequese tradicional, o primeiro anúncio de Jesus Cristo, o querigma, era considerado um pressuposto, por ser algo já garantido. Sendo a fé um dado natural e cultural, tornava-se, portanto, prescindível a tarefa de apresentar Jesus Cristo. Naquele contexto, a preocupação primeira, a grande missão da catequese, era catequizar, doutrinar. Foram séculos sem grandes

preocupações missionárias, séculos de pressuposição da fé.

A inspiração catecumenal recupera, em seu itinerário, esse trecho do percurso da iniciação à vida cristã, tão caro ao cristianismo primitivo e perdido posteriormente, ou então dado por já percorrido, via cristianismo sociológico. Quiçá esteja aqui a expres-

são maior da missionariedade da inspiração catecumenal: não dar por pressupostos a fé, a proclamação do querigma, o ingresso na comunidade. Em outras palavras, o período chamado pré-catecumenato é o sinal mais eloquente da missionariedade catecumenal, que sabe a necessidade de começar com o anúncio explícito de Jesus Cristo.

Graças à não pressuposição da fé, o estilo catecumenal se caracteriza como percurso, está protegido do sacramentalismo e se torna inspiração para a pastoralidade. Residem aqui, portanto, oportunidades enormes de inspiração à conversão pastoral. A mais significativa intuição do tempo do pré-catecumenato para a nova evangelização é a não pressuposição da fé em nenhuma atividade eclesial.

Alguns exemplos podem nos ajudar. Quanto aos noivos que pedem o sacramento do matrimônio, não se pode imaginar que façam tal pedido motivados primeiramente pela fé ou já estejam nela iniciados. Resulta disso a necessidade de nova estruturação dos assim chamados “cursos de noivos”, em perspectiva querigmática, que saiba mistagógicamente propor a fé, conduzir a experiência cristológica-

“A riqueza da metodologia catecumenal é fruto da consciência sobre o que é iniciação e qual o caminho para atingir seu objetivo”

ca e eclesial. A preparação dos noivos é chamada a deixar de ser curso para assumir a fisionomia de percurso, de anúncio e experiência de fé, com menos preocupações canônicas e morais e mais investimento missionário. A problemática se agrava quando “se obriga” o adulto a ser batizado para poder casar-se na Igreja... “Na realidade, [essa prática] supõe uma falsa compreensão do batismo como um rito qualquer, sem compromisso de mudança de vida” (TABORDA, 2017, p. 9).

O mesmo se pode dizer dos “cursos de batismo”, que preparam os pais e os padrinhos para o batismo de seus filhos e afilhados. Qual a densidade querigmática e mistagógica desses encontros, ou seja, são “lugares teológicos” de anúncio e aprofundamento da fé, de experiência eclesial, ou prevalece o estilo palestra, em que se supõe que pais e padrinhos estejam iniciados na vida cristã?

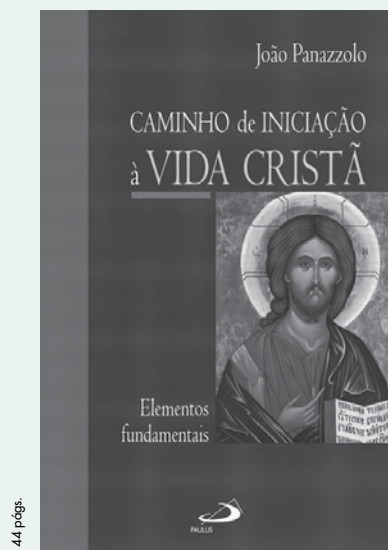
O pré-catecumenato questiona, portanto, as ações eclesiais que, em seus métodos, por pressuporem a iniciação, se orientam segundo um substrato muitas vezes inexistente. Não são poucas as atividades eclesiais que carecem de fundamentação querigmática, por estarem pautadas mais na doutrinação da fé do que na fé mesma, mais nos costumes religiosos do que no querigma, sem falar na obsessão por questões morais e doutrinárias.

A pergunta a ser feita com seriedade na atual reflexão é sobre as consequências da pressuposição da voz já ressoada na vida dos cristãos, compreensão esta muito presente na pastoral de manutenção. Quais são as lacunas deixadas pela presunção da experiência de encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, quando, na realidade, não poucos possuem tão somente uma noção de Deus? Não seria essa presunção uma das causas da atual crise de fé? É muito estreita a relação entre batizados não evangelizados e a pastoral de manutenção que prescinde do anúncio querigmático por pressupô-lo ou, quando pior, por falta de clareza do que seja o querigma.

Caminho de iniciação à vida cristã

Elementos fundamentais

João Panazzolo



Esta publicação tem o objetivo de orientar as pessoas que ministram a catequese e a formação de lideranças nas comunidades-Igreja para uma catequese de iniciação à vida cristã, acolhendo iniciativas de formação cristã de jovens e adultos. A metodologia segue o estilo catecumenal da Igreja primitiva, retomado pelo Concílio Vaticano II e atualizado pelo Documento de Aparecida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



3.2. (Re)começar a partir de Jesus Cristo

A reflexão anterior não deixou margem a dúvidas sobre a lucidez da missionariedade catecumenal em não pressupor o primeiro anúncio. Com base nisso, torna-se mais evidente a pretensão das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil ao enfaticamente convocar a pastoral para “partir de Jesus Cristo” (CNBB, 2015, cap. 1). À luz da inspiração catecumenal, esse urgente apelo pode ser lido de vários ângulos.

A convocação ajuda a entender o cristianismo – e, conseqüentemente, a pastoral – como proposta. Dois equívocos pastorais muito comuns consistem em pressupor ou impor a fé. Em nome de uma pseudofidelidade à tradição, tende-se, por vezes, a impor a fé, a moral, as normas, a instituição religiosa...

Propor a fé é, sem dúvida, a chave hermenêutica das ações eclesiais que queiram estar no processo de conversão pastoral, de *saída* missionária. Propor é conduzir mistagogicamente à descoberta de Deus, é despertar, é apresentar, é atrair, mais por testemunho do que por argumentações ou explicações. A pastoral precisa, cada vez com maior urgência, estruturar-se como proposta, como oferta, como processo, como redescoberta, encantamento, apaixonamento.

Estes três verbos – pressupor, impor, propor – apontam para três perspectivas distintas no cotidiano da evangelização.

Ao primeiro verbo, supor, convergem todas as expressões de pastoral de manutenção. Supõem-se a vigência da tradição, a força da instituição, o encontro pessoal com Cristo etc. e, em decorrência disso, negligencia-se um anúncio mais explícito, contagiante, da proposta cristã. Cai-se facilmente na pastoral da suposição.

“Conversão eclesial é, antes de tudo, conversão de fé, volta ao essencial, com base na qual surgem outras conversões, as saídas pastorais, a missionariedade”

A segunda orientação, impor, expressa as tendências que ressurgem com força na atualidade. São as tentativas equívocas de responder à crise religiosa. No afã de recuperar o monopólio religioso perdido, tende-se a impor. Não vêm de hoje tentativas equivocadas de resposta à crise de fé. Ganha destaque a pastoral apologética, que, ao defender a instituição, faz frente à secularização, às outras religiões. Trata-se de pastoral não apenas voltada à manutenção da fé, mas também à defesa, ao embate, ao enfrentamento, por entender que as mudanças culturais viriam abalar o catolicismo tranquilo e, conseqüentemente, a tranquila instituição religiosa.

A terceira via, propor, indica a direção da nova evangelização, porque recupera a maturidade das origens, perdida com a cristandade. *Conversão pastoral* é a concretização da passagem da pressuposição para a proposição. Não nos é permitido, em tempos de crise religiosa, pressupor a fé, pressupor a dimensão comunitária da fé, a consciência de que a caridade e o amor ao próximo são constitutivos da fé e tantas outras dimensões inerentes ao cristianismo. Para a religiosidade líquida, essas questões não são evidentes. Iniciação à vida cristã é iniciação à totalidade do ser cristão, a qual, se não se pode pressupor, também não se dá por imposição, mas por “atração”, por meio da “alegria do evangelho”.

Outro modo de ler a convocação pastoral “começar a partir de Jesus Cristo” – leitura que, de certa forma, já apareceu neste texto – é como chamada de atenção para a volta ao essencial da fé cristã, ao núcleo do evangelho, à Pessoa de Jesus Cristo. A conversão pastoral tem diante de si a tarefa de resgatar a originalidade da fé cristã. Essa conversão passa necessariamente pela distinção da essência da fé cristã daquilo que é secundário,

que só tem sentido à luz do essencial. Não se trata, obviamente, de descartar o doutrinal, mas de perceber que o conjunto de preceitos está a serviço da experiência da fé, e não o contrário. O doutrinal, o ritual, o legal visam expressar e recordar um encontro primeiro, uma experiência fundadora, do contrário s tornariam fins em si mesmos.

Muitas são as expressões do agir eclesial desprovido do querigma. “O querigma não é uma propaganda para ganhar visibilidade. Alguns têm denominado de querigma, por exemplo, um anúncio que se limita a um reavivamento religioso, uma busca por milagres, sem compromisso profético e sem o seguimento” (CNBB, 2017, n. 156).

O tempo atual mostra-se propício à volta ao essencial. O processo de separação ou distinção entre sociedade e cristianismo, o qual chamamos de secularização, apresenta-se como oportunidade única para a recuperação da originalidade da fé cristã. Chaves de leitura para entender a lógica da sociedade secular são os conceitos de autonomia e pluralismo. A visão de mundo passa a ser plural, as culturas são policêntricas, as fontes de sentido da realidade são igualmente multiformes, o que significa que já não existe mais um princípio norteador para o todo social. A autonomia das realidades sociais oferece ao cristianismo a possibilidade de novamente ser autônomo, isto é, a oportunidade para a comunidade dos seguidores de Cristo novamente se distinguir da sociedade, no sentido de romper com aquela identificação social que lhes priva da identidade e da missão de serem fermento na massa. Trata-se da volta às fontes, do retorno aos primeiros séculos da era cristã, em que o cristianismo já era secular, isto é, autônomo, com sua lei própria, o evangelho.

A conversão pastoral se concretiza no resgate da identidade cristã, no tornar o cristianismo novamente uma *comunidade alternativa*. Sem a clareza da necessidade dessa distinção, sem a volta ao essencial, a ação pastoral

será vítima de saudosismos, privilégios, acordos, benefícios, entre outras deturpações pastorais. A distinção em questão é, portanto, potencialização para a própria identidade cristã. A autonomia das realidades, a qual a secularização reivindica, requer do cristianismo clareza da própria identidade, de sua lei própria (autonomia).

Conversão eclesial é, antes de tudo, conversão de fé, volta ao essencial, com base na qual surgem outras conversões, as saídas pastorais, a missionariedade. O movimento mais importante da saída pastoral é, portanto, para “dentro”. Antes de quaisquer outros movimentos, mais do que multiplicar pastorais e serviços, a *Igreja em saída* aponta primeiramente para a volta ao essencial como condição de toda ação eclesial.

4. Mistagogia, paradigma de conversão pastoral

Querigma e mistagogia são, em nosso entender, as duas colunas da inspiração catecumenal. Nas páginas anteriores, debruçamos-nos sobre o querigma e suas implicações na conversão eclesial e pastoral. Cabe-nos agora mergulhar na dimensão mistagógica da evangelização. Enquanto o paradigma doutrinal tem como representante máximo o argumento, a explicação, a doutrina, o paradigma catecumenal tem como chave hermenêutica o querigma, a mistagogia, a experiência, a iniciação, o encontro.

4.1. Relação entre querigma e mistagogia

Mistagogia, antes de ser a última etapa do processo da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal, é sua característica maior, do mesmo modo que “o querigma não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo” (DAp 278).

Apesar de o último tempo do percurso catecumenal receber o nome de mistagogia,



é decisivo não perder de vista que todo o processo catecumenal é mistagógico, vivencial, experiencial, por colocar o iniciante, do início ao fim do itinerário, em contato vital com Jesus Cristo e com a comunidade de fé. Decorre dessa afirmação uma possível definição de mistagogia. A palavra, de origem grega, composta do substantivo *mystes* (mistério) e do verbo *agein*, tem o sentido de conduzir. Mistagogia é, portanto, o ato de conduzir alguém ao mistério, revelado em Jesus Cristo. Refere-se a tudo aquilo que conduz ao encontro com Cristo, que gera experiência de fé, conversão, discipulado, missão. A mistagogia, na metodologia catecumenal, está na linguagem, nos ritos celebrativos, na gradualidade do processo, na densidade da experiência, na acolhida, na comunidade, no catequista, no introdutor, no padrinho, na Palavra, nos sacramentos celebrados e vividos, enfim, está em cada instância ou elemento que auxiliam no encontro com Cristo e com a comunidade eclesial. Todas essas dimensões são canais de encontro e de experiência.

Querigma, por sua vez, é a proclamação da Pessoa de Jesus Cristo, de seu mistério salvífico, a qual não pode ser feita de qualquer modo, sob o risco de não ser ouvida nem experimentada. A proclamação do querigma, da Boa-Nova, tem como exigência a mistagogia; ou seja, é necessário proclamá-los mistagógicamente. Vigora, portanto, uma relação inseparável entre querigma e mistagogia, comparável à relação entre palavra e som.

O anúncio querigmático não é uma proclamação doutrinária. Ele é realizado mistagógicamente, torna-se algo contagiante e envolvente, apaixonante, provocativo, dinâmico, convicto; essa é a lógica, o modo do “anúncio claro e inequívoco de Jesus Cristo”

(EN 22). Há que lembrar que nem todo anúncio do querigma tem sido mistagógico. Há formas de anúncio que não condizem com a riqueza do conteúdo anunciado. Não há novidade em afirmar que muitos ruídos pastorais e eclesiais dificultam, quando não impossibilitam, o eco do querigma na vida e no coração de quem está sendo iniciado.

Muitas são as expressões pastorais dessa natureza; geralmente são proclamações autorreferenciais, focadas mais na instituição do que na espiritualidade. São ações de preceitos, de assimilação de verdades religiosas, obcecadas pelo ritualismo e pelo legalismo desumanizantes. Podem

estar presentes na homilia, no atendimento, na acolhida, na formação, na liturgia, no confessionário, enfim, podem entrar por todas as portas do ser e agir da Igreja. São atitudes ou ações pastorais por demais predefinidas que enquadram, quando não aniquilam, a individualidade.

4.2. O tempo da mistagogia, o último do itinerário catecumenal, e seu significado para a conversão pastoral

Se até aqui enfatizamos a dimensão transversal da mistagogia na metodologia catecumenal, cabe igualmente agora uma palavra específica sobre a mistagogia enquanto último tempo do percurso catecumenal e sua inspiração para uma *nova evangelização*.

O significado teológico e pastoral do tempo da mistagogia, o último do percurso catecumenal, é de uma atualidade inquestionável, ainda a ser descoberta e explorada em muitos ambientes eclesiais. Conquanto todo o itinerário catecumenal seja mistagógico, a última etapa do processo recebe o mesmo nome, cujos objetivos são “novo senso da fé, da Igreja e do mundo” (RICA 38), “aprofundamento das relações com a comunidade dos

“A proclamação do querigma, da Boa-Nova, tem como exigência a mistagogia; ou seja, é necessário proclamá-los mistagógicamente”

fiéis” (RICA, 7d), “conhecimento mais completo e mais frutuoso” do mistério (RICA 38).

Chama a atenção o destaque que o *Ritual da iniciação cristã de adultos*, denominado RICA, dá ao tempo da mistagogia, à conclusão do processo de iniciação: “Para encerrar o tempo da mistagogia, realiza-se uma celebração ao terminar o tempo pascal, nas proximidades do domingo de Pentecostes, até mesmo com festividades externas” (RICA 237). Não há dúvida de que igualmente o tempo da mistagogia, por meio de seus objetivos específicos, tem algo para dizer à nova evangelização. Ele convoca a pastoralidade para o investimento no constante processo de formação permanente, para a continuação do acompanhamento pastoral após a administração dos sacramentos, quando este geralmente é interrompido.

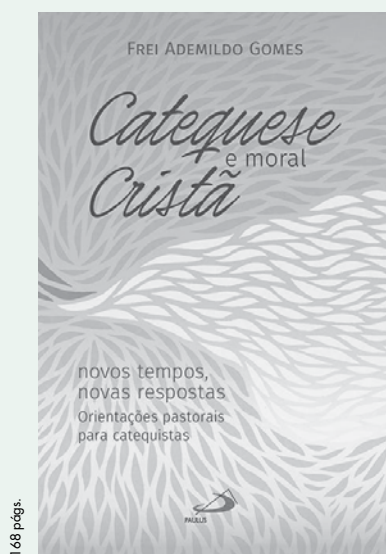
O tempo da mistagogia inspira a evangelização a pensar a pastoral de modo mais conjunto e gradual e superar as lacunas no acompanhamento e projetos pastorais pós-sacramentos, as quais são consequência da herança sacramentalista, que visa aos sacramentos em si e por si. Nessa lógica, após conquistá-los, não há espaço para nem necessidade de aprofundamento, de continuação da formação permanente, em vista da crescente maturação da vida cristã. Citemos como exemplo o acompanhamento pós-matrimônio, cujo vazio é reconhecido em *Amoris Laetitia*:

Também não fizemos um bom acompanhamento dos jovens casais nos seus primeiros anos, com propostas adaptadas aos seus horários, às suas linguagens, às suas preocupações mais concretas. Outras vezes, apresentamos um ideal teológico do matrimônio demasiado abstrato, construído quase artificialmente, distante da situação concreta e das possibilidades efetivas das famílias tais como são (AL 36).

Catequese e moral cristã

**Novos tempos, novas respostas:
orientações pastorais para
catequistas**

Frei Ademildo Gomes



Pensando em auxiliar os catequistas no processo de iniciação à vida cristã, de modo a tratar os principais problemas e questionamentos de ordem moral da sociedade pós-moderna, Frei Ademildo partiu de reflexões e orientações da doutrina moral da Igreja para redigir esta obra. Dividido em cinco capítulos, o volume aborda temas relacionados à moral cristã que lançam diversos desafios à reflexão teológica.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Fato é que,

se a paróquia precisa ser lugar da iniciação à vida cristã, necessita igualmente assumir o compromisso com o contínuo aprofundamento da fé dos já iniciados, caso contrário, correria o risco de, conforme um ditado bastante brasileiro, “morrer na praia”, ou seja, todo o esforço da transmissão da fé, de iniciar na vida cristã torna-se em vão, quando não se oferecem estruturas comunitárias para viver essa mesma fé e aprofundá-la continuamente (REINERT, 2015, p. 188).

Conclusão

Se a pastoral catequética fala, com razão, de inspiração catecumenal para toda forma

de iniciação à vida cristã, deve-se, com a mesma pertinência, falar de inspiração catecumenal para o todo da pastoral. A isso denominamos dimensão catecumenal transversal da pastoralidade. A inspiração catecumenal é um paradigma evangelizador, e iniciação à vida cristã é mais do que um setor pastoral da Igreja. Em tempos de crise de fé, de religiosidade líquida, não se pode simplesmente pressupor que os “iniciados” já estejam iniciados na fé e nas demais dimensões da vida cristã. Portanto, urge a cada atividade eclesial assumir renovada compreensão de iniciação. Urge, *na nova etapa evangelizadora*, tomar sempre maior consciência daquilo que compete à iniciação, ou seja, da sua tarefa de gerar filhos na fé e do seu esforço para tornar cristãos adultos. ●

Referências bibliográficas

- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília, DF: CNBB, 2017. (Documentos da CNBB, 107).
- _____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019*. Brasília, DF: CNBB, 2015. (Documentos da CNBB, 102).
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família*. Brasília, DF: CNBB, 2016.
- _____. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- GEVAERT, J. *Primera evangelización*. CCS: Madrid, 1992.
- PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1975.
- REINERT, J. F. *Paróquia e iniciação à vida cristã: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal*. São Paulo: Paulus, 2015.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da iniciação cristã de adultos*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1972.
- TABORDA, F. Apresentação. In: PARO, Thiago Faccini. *As celebrações do RICA: conhecer para bem celebrar*. Petrópolis: Vozes, 2017.



Aspectos metodológicos que brotam da inspiração catecumenal: pistas para a formação de discípulos missionários

Ariél Philippi Machado*

As reflexões acerca da inspiração catecumenal tendem a aumentar quando o seu método também é percebido e conhecido de maneira aprofundada. Nesse sentido, o presente trabalho quer destacar elementos que caracterizam os tempos da inspiração catecumenal, com a consciência de oferecer caminhos para novas abordagens e práticas pastorais.

*Ariél Philippi Machado é licenciado em Matemática (Unisul), bacharel em Filosofia (FSL) e Teologia (Facasc). Especialista em Catequese – Iniciação à Vida Cristã (Facasc) e catequista na Arquidiocese de Florianópolis. Atua como procurador institucional e coordenador-adjunto do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Catequese – Iniciação à Vida Cristã na Faculdade Católica de Santa Catarina (Facasc).
E-mail: ariel.philippi@hotmail.com

Introdução

A inspiração catecumenal carrega como característica o valor da espiritualidade primitiva da Igreja: ser a comunidade dos filhos e filhas de Deus. Isso implica perceber as distintas perspectivas de outras metodologias vigentes até o momento, a saber: cristandade e devocionismos, catecismos e doutrinação, pastoral sacramentalista e de preceito. São



frutos de uma caminhada histórica da Igreja, não podemos negar. Contudo, “a travessia da doutrinação para a evangelização implica também mudança no modo de ser dos agentes condutores. É esta a questão que permite ver na metodologia um problema de primeira grandeza para a evangelização” (BENINCÁ; BALBINOT, 2012, p. 39).

Nesse sentido, perscrutar os tempos e etapas do catecumenato, enquanto instituição, é uma maneira de descobrir novos métodos e novas atitudes, para uma conversão pastoral madura em prol da evangelização neste tempo de mudanças. Acreditamos que “a inspiração catecumenal liberta-nos da busca do sacramento pelo sacramento e alarga os horizontes da formação da personalidade cristã com uma identidade mais definida em tempos em que o pluralismo questiona a adesão vital à Igreja” (LELO, 2015, p. 71).

Essa conversão pastoral será notada à medida que as práticas e estratégias das comunidades cristãs mudarem o foco, deixando de conduzir apenas para o sacramento e passando a investir em verdadeiros ambientes de anúncio do amor divino e de celebração do mistério de Jesus Cristo. Nas comunidades primitivas, “a iniciação cristã cuidava de instruir os catecúmenos tanto na adesão à pessoa de Jesus Cristo quanto na vida comunitária e no novo jeito de agir na sociedade e na família” (CNBB, 2015, p. 89). Essa é a conversão pastoral. Converter de uma catequese e pregação sacramentalista para uma formação integral da pessoa humana, tendo como modelo Jesus de Nazaré, em vista de um novo jeito de ser e agir nos ambientes da sociedade, seja no trabalho, no lazer, na escola, na família e com os amigos.

Voltada para esse objetivo, a metodologia da inspiração catecumenal tem como cerne o mistério pascal de Jesus Cristo. Esse mistério

alcança-nos, envolve-nos e permite-nos desfrutar de seus dons. Cronologicamente, esse desfrute vai sendo alcançado ao longo do ano litúrgico, verdadeiro catequista e modelo de itinerário de educação da fé proposto pela Igreja. No ano litúrgico concentra-se a dinâmica da metodologia catecumenal, sem meses temáticos e devoções maximalistas, mas, essencialmente, com a manifestação do mistério de amor divino, que, pela obra da encarnação, faz festa e morada nas tendas da humanidade.

“O ponto de partida do método querigmático é o interesse de acolher a pessoa humana”

1. Aspectos do método querigmático

O imediatismo relativista é uma marca de nossos dias. Em contraponto, a fé é a garantia do que se espera, a prova do que não se vê (cf. Hb 11,1). Diante dessa tensão, as metodologias de outrora (da certeza, da memorização, da tradição e do preceito) precisam dar lugar aos métodos interacionistas, vivenciais e humanizadores.

O método querigmático traz consigo a mensagem para quem já perdeu o sentido da espera. Afinal, “a imediatez dos acontecimentos determina a urgência do momento, e o sentido da vida se concentra no que fazemos agora” (NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS, 2014, p. 13). Em resposta à liquidez das sensações e experiências, o método querigmático quer: a) interessar-se pelo ser humano, criado por amor pelo Pai, e conhecer seus afazeres, anseios, medos, projetos e necessidades; b) apresentar Jesus Cristo, Filho de Deus e companheiro de caminhada; c) reanimar, por meio do testemunho dos crentes, a chama da fé depositada em cada coração por obra do Espírito Santo.

1.1. Acolhida da pessoa humana

O ponto de partida do método querigmático é o interesse de acolher a pessoa humana. “A pessoa humana é obra-prima de Deus. Ao



longo da história da humanidade, o grande desafio foi sempre de resgatar a dignidade da pessoa humana, seu valor e sentido. O homem e a mulher não são simples coisas, mas filhos e filhas de Deus e irmãos uns dos outros” (KESTERING, 2016, p. 21).

Se *querigma* quer dizer anúncio, a primeira atitude que expressa sem palavras, mas com gestos, o anúncio do amor de Deus é a acolhida da pessoa humana, nas suas diferentes realidades da sociedade hodierna. “O evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores. Mudaram os valores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de hoje” (CNBB, 2017, p. 34).

O querigma da acolhida significa assumir a cruz de Jesus na pessoa interlocutora e, junto dela, dividir o peso da cruz.

1.2. O anúncio de Jesus Cristo

Uma vez acolhida em sua realidade existencial, a pessoa se torna ouvinte da Boa-Nova e interlocutora da fé.

Aqui, uma característica clássica das metodologias vigentes: enquanto agentes de pastoral, falamos demais. Temos todas as respostas imagináveis. Contudo, não sabemos, afinal, a pergunta que o interlocutor de nossos dias tem para nos fazer. O método do catecismo e da doutrinação é excessivo nas palavras, com pouca escuta.

Para que o anúncio de Jesus Cristo seja possível, é necessário a escuta e a atenção aos desafios das pessoas, os quais são semelhantes aos nossos. Antes do anúncio, porém, vem a escuta.

O querigma significa o primeiro anúncio. E, em primeiro lugar, é urgente anunciar que Jesus Cristo é “uma testemunha que está totalmente tomada por Deus, vive radicalmente para a causa de Deus e demonstra, com as grandes obras, com o ensinamento e com o testemunho de sua vida, que Deus é o centro do ser humano e que na acolhida do seu

A vida nova em Cristo

Uma existência humana com sentido e esperança. Conteúdo catequético para a iniciação à vida cristã com adultos

Pe. Edemilson E. Lovatto

Pe. Paulo Crozera



A obra oferece um roteiro para a iniciação de adultos à vida cristã, tendo a Bíblia como eixo principal e fonte de inspiração para o seguimento de Jesus. Inovador, o método utilizado pelos autores pressupõe encontros semanais, com temas específicos apresentados em forma de cartas, abrindo novos horizontes da fé.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



amor está a fonte da vida eterna” (GEVAERT, 2009, p. 82). Jesus Cristo, Filho de Deus, é testemunha qualificada para expressar a obra de amor que habita em cada ser humano. Ele é a imagem de Deus invisível (cf. Cl 1,15) que apresenta, nos gestos humanos, o valor da vida e encanta com sua ternura, a qual acolhe a pessoa humana, lhe perdoa e a reintegra no contexto social.

1.3. O testemunho de fé

Decorre, da escuta e do anúncio, a prática de vida. A fé no querigma é chancelada no cotidiano da vida, nas opções que as pessoas crentes fazem. Acolher por amor e anunciar que Deus ama implica a vivência concreta da doação, da misericórdia e da alegria do seguimento.

O testemunho da fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, significa assumir novas posturas que apontem os sinais de vida nos contextos de incertezas, desafios e cenários de morte de nossos dias. O papa Bento XVI ensinou que

a renovação da Igreja realiza-se também através do testemunho prestado pela vida dos crentes: de fato, os cristãos são chamados a fazer brilhar, com sua própria vida no mundo, a Palavra de verdade que o Senhor Jesus nos deixou. [...] Com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria. A fé torna-nos fecundos, porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar (BENTO XVI, 2011, p. 8-10).

O modelo querigmático, portanto, inspira novos métodos e novas atitudes para a educação da fé.

2. Aspectos do método catecumenal

A fé é um dom de Deus e precisa ser despertada, nutrida, educada por meio de sinais, gestos e conteúdos. O querigma é o momento que desperta no interlocutor o desejo de aprofundar os momentos da vida, dos feitos e dos ensinamentos de Jesus Cristo. O grande objetivo de um método catecumenal é a formação do discípulo missionário, a qual marcará a vida toda do cristão. Essa etapa de formação realiza-se após a conversão, isto é, após a aceitação sincera do candidato de seguir um caminho novo, que exige escolhas e renúncias.

Aprender sobre Jesus e decidir segui-lo é a consequência de ter percorrido um itinerário de fé. Nesse itinerário, são contemplados alguns elementos metodológicos por meio dos quais a fé é explicitada, oferecendo ao simpatizante elementos que permitam dar “razões de sua esperança” (1Pd 3,15) em Jesus Cristo.

Aprender sobre Jesus e decidir segui-lo é a consequência de ter percorrido um itinerário de fé. Nesse itinerário, são contemplados alguns elementos metodológicos por meio dos quais a fé é explicitada, oferecendo ao simpatizante elementos que permitam dar “razões de sua esperança” (1Pd 3,15) em Jesus Cristo.

Os aspectos do método catecumenal, modelo de instituição da Igreja nascente, obtinha das Escrituras as instruções da fé e contava com os contemporâneos dos apóstolos para garantir a solidez de sua catequese. Com base nos relatos bíblicos, sabemos que os primeiros seguidores “eram assíduos em escutar o ensinamento dos apóstolos, na solidariedade, na fração do pão e nas orações” (At 2,42).

Após o anúncio da Boa-Nova, que marca o início do processo de formação do discípulo missionário, a catequese passa como que a formalizar os conteúdos da fé, por meio da explicitação da doutrina.

O conteúdo a ser ensinado é o relato bíblico do mistério pascal de Jesus Cristo. Dele, decorrem conteúdos desenvolvidos pela Tradição e pelo Magistério da Igreja. Esses conteúdos estão compilados no Catecismo.



mo da Igreja Católica, distribuídos em quatro partes: Credo, Sacramentos, Moral – a vida em Cristo e Oração (MACHADO; BERTOLDI, 2017, p. 8).

Por conseguinte, destacam-se, neste momento de nossa reflexão, elementos como a progressividade gradual do itinerário, a convivência fraterna, a espiritualidade pascal, a dinâmica do seguimento, em lugar da catequese sacramentalista.

2.1. A convivência com a família dos catequizandos

Nosso contexto de catequese é ainda marcado pela presença de crianças e adolescentes em busca dos sacramentos. Não podemos esquecer, porém, que a fé pertence ao contexto de entendimento da vida adulta, porque são os adultos que assumem com responsabilidade as suas escolhas ao longo da vida, incluindo a pertença a uma comunidade de fé. “Nos evangelhos, a presença de Jesus com adultos é significativa: ia ao encontro das pessoas, cuidava dos doentes, era sensível às necessidades, dava esperança aos aflitos, apontava horizontes de libertação” (KESTERING, 2016, p. 15-16).

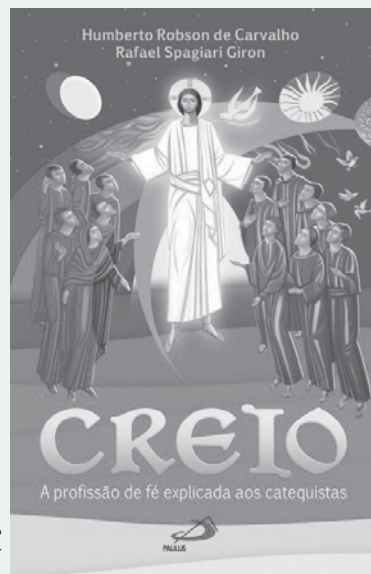
Por esse motivo, o primeiro elemento catecumenal é a arte de integrar a família, ou pelo menos um adulto responsável, ao longo do itinerário de formação. As crianças, adolescentes e jovens crescem buscando referenciais para sua vida, tanto no contexto civil quanto no contexto religioso. Não é possível caminhar na fé sem o testemunho de algum adulto, confirmando que a fé é um dom e sustento nos momentos de incertezas.

O papa recorda que é “de grande ajuda a catequese familiar, enquanto método eficaz para formar os pais e os jovens e torná-los conscientes de sua missão como evangelizadores da sua própria família” (FRANCISCO, 2016, p. 75). O importante é não permitir que o catequizando se sinta órfão na fé durante sua caminhada de educação da fé.

Creio

A profissão de fé explicada aos catequistas

*Humberto Robson de Carvalho
Rafael Spagiari Giron*



O que é a fé? O que é acreditar? A palavra fé tem sua origem no termo grego *pistis* e no latim *fides*. É o acolhimento e a resposta que damos à revelação de Deus e que se manifesta por meio da confiança e da total entrega a Ele. Por sua própria natureza e formulação, o Creio é uma profissão de fé, não uma oração. No Creio, não se pede, não se agradece, nem há súplica, mas se afirmam conteúdos de fé, verdades em que cremos e que professamos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



2.2. Itinerário de fé, processo de educação constante

O *Documento de Aparecida* chama a atenção para os itinerários de formação, sugerindo que não sejam constituídos apenas de técnicas, dinâmicas e conteúdos, mas favoreçam, *per se*, um encontro pessoal com Jesus Cristo. Diz o documento:

o caminho de formação do seguidor de Jesus lança suas raízes na natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem porque lhe conhecem a voz. O Senhor despertava as aspirações profundas de seus discípulos e os atraía a si, maravilhados. O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena (DAP 277).

Um itinerário, portanto, é composto de elementos básicos seguros e orientações que conduzem do início ao fim do processo. No contexto da fé, o início do itinerário se dá nos pequenos contatos cotidianos com expressões e gestos religiosos no ambiente familiar ou mesmo na comunidade estendida, entre amigos e vizinhos. Para a fé, no entanto, o itinerário não tem final. O itinerário de seguimento de Jesus Cristo tem, sim, seu ponto de partida: aquele momento único e pessoal de encanto e encontro com a pessoa de Jesus Cristo, momento que se prolonga por toda a vida.

Diante disso, destaca-se o valor da formação permanente dos agentes de pastoral. E, em consequência, da catequese constante que precisa ter lugar na vida do cristão, para que a recepção dos sacramentos não seja um ponto final ou a marca do ponto de chegada da fé.

“Tendo por base o livro da Bíblia para o ato catequético, pede-se sempre mais a intimidade com a palavra de Deus, por meio do exercício da leitura orante”

2.3. A centralidade da palavra de Deus

A Bíblia é o livro por excelência da catequese. A inspiração catecumenal recupera, com toda a força, a função pedagógica das Sagradas Escrituras como fonte da educação da fé. A catequese que tem como pano de fundo os textos bíblicos e a leitura orante como método de acesso torna sempre presente o mistério de Deus, que zela por seu povo eleito e o defende.

A catequese bíblica supera os modelos de doutrinação e memorização.

Este é o sentido da Bíblia: a ação de Deus vem continuamente manifesta num crescendo maravilhoso até a perfeição absoluta e total da obra no término glorioso da História da Salvação. [...] É uma história de amor, onde Deus trabalha pedagógica e ordenadamente. [...] O ponto central de coesão e movimentação de toda a História da Salvação é o Cristo-Evento. É ele o maior acontecimento de toda a história. Por isso, qualquer página da Bíblia ou qualquer fato devem ser atingidos pelo clarão dessa “luz verdadeira, que, vinda ao mundo, ilumina todo homem” (Jo 1,9) (FRAINER, 1977, p. 19).

Como mencionado, tendo por base o livro da Bíblia para o ato catequético, pede-se sempre mais a intimidade com a palavra de Deus, por meio do exercício da leitura orante. Ela é um método eficaz para alimentar a espiritualidade bíblica, capacitando o catequista para a função narrativa da história da salvação. Folheando os textos, entramos em diversos modelos de catequese narrativa, um elemento rico de significado para a transmissão da fé, a ser redescoberto em nossas estratégias de catequese.



2.4. O domingo, Páscoa semanal

O domingo é o dia da comunidade. Ou seja, é dia preparado pelo Senhor (Sl 118) para que, ao redor da Palavra e do altar, os filhos e as filhas elevem suas preces de louvor e gratidão pelo dom da vida. A metodologia catecumenal não pode abrir mão dessa interação entre fé e vida. Pela via da oração comunitária, os gestos, símbolos e ritos unem, numa só voz, o mesmo canto de ação de graças ao Deus da vida.

O domingo nos faz reviver, toda semana, a mesma experiência dos primeiros discípulos e discípulas: o Senhor está vivo nas nossas lutas e vitórias. Por esse motivo, os eventos da vida de Jesus Cristo se tornam realidade na nossa vida, na medida em que nos pomos a caminho e participamos das celebrações em comunidade. Assim, o dia do Senhor (domingo) se tornou o dia mais importante da semana, memorável e inesquecível, porque guarda o mistério da ressurreição do Senhor.

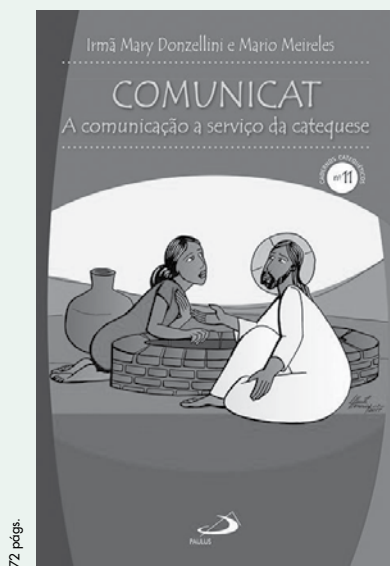
É urgente retomar a função catequética que o domingo possui. Ele é que congrega os batizados para a oração comum, como ensina a passagem dos Atos dos Apóstolos. É o domingo que dá o impulso para a nova semana, para a nova vida, para a nova criação. Por isso, as missas de devoções, as novenas e outras agendas da semana não podem ser tratadas como mais importantes que o domingo nem substituí-lo.

Pedagogicamente, ao longo dos Anos A, B e C, o ano litúrgico se estabelece como verdadeiro itinerário de fé para a comunidade, e o domingo reúne e alimenta a fé dos cristãos sempre de modo novo. Nesse dia, estão unidas catequese e liturgia, numa íntima relação de educação e celebração da fé. Viver o domingo em comunidade é deixar o Ressuscitado entrar em nós para vencermos a fé intimista, o individualismo imediatista e o egoísmo.

ComuniCat

A comunicação a serviço da catequese

*Irmã Mary Donzellini
Mario Meireles*



72 págs.

O novo *ComuniCat* apresenta informações sobre os mais recentes e variados meios de comunicação. A cada dia surgem novas ferramentas para transmitir ou receber uma informação. A comunicação alternativa ganha destaque porque, apesar de sua importância, ainda é pouco discutida e vivida em nosso cotidiano. Pensando nisso, este volume atualizado do *ComuniCat* traz informações e pistas para ajudá-lo não só a entender, mas também a incluir as pessoas com deficiência em seus trabalhos de evangelização.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



2.5. A comunidade do discipulado missionário

O método catecumenal tem por foco a formação da personalidade da pessoa de fé, o discípulo missionário. Tal formação se dá no seio de uma comunidade de referência. Assim, a comunidade precisa recuperar seu protagonismo de catequista por excelência. “É na comunidade que o cristão experimenta a vida da Igreja e descobre a sua missão como cristão no mundo” (KESTERING, 2016, p. 53). Para isso acontecer, é preciso promover a formação continuada dos agentes da ação evangelizadora e investir na compreensão de que a catequese é uma dimensão de todas as pastorais, movimentos e serviços eclesiais.

Novas metodologias exigem novas posturas. A conversão pastoral e, também, metodológica terá início na composição dos conselhos e instâncias de organização das pequenas comunidades. A inspiração catecumenal será verdadeiramente compreendida quando as burocracias, o poder de comandar um grupo, a posse das chaves e a competição de construções civis cederem lugar à acolhida, à

visita às periferias existenciais, à pastoral em saída, ao cuidado com os pobres, ao compromisso com o evangelho e com a defesa da vida, à comunhão dos serviços e ministérios.

A compreensão do valor da comunidade e do lugar prioritário que ela possui no itinerário de formação estará refletida no comprometimento dos agentes da ação evangelizadora entre si e com a proposta do evangelho.

“O centro da fé cristã é o mistério pascal de Jesus Cristo, vale dizer, sua vida, paixão, morte e ressurreição”

3. Aspectos do método celebrativo-vivencial

O centro da fé cristã é o mistério pascal de Jesus Cristo, vale dizer, sua vida, paixão, morte e ressurreição. Tal mistério é celebrado anualmente na comunidade por ocasião da Páscoa. Diante da comunidade reunida, Deus manifesta, de maneira sempre nova, o dom da vida, gerando novos filhos e filhas por meio do batismo, confirmando-os diante da comunidade reunida e alimentando a todos com o Corpo e Sangue de seu Filho, Jesus. Esse é o caráter unitivo dos sacramentos da iniciação cristã.

Em vista disso, se a Páscoa é a festa mais importante da nossa fé, ela merece um tempo de preparação à altura. Esse tempo é conhe-



152 páginas

Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo Paulo Nogueira

Este livro é um convite para entrar no mundo dos primeiros cristãos, analisando todas as formas de expressão do cristianismo primitivo. Com ele, o leitor vai descobrir como esse grupo é diferente de qualquer forma de cristianismo que conheça ou que pratique.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



cido como Quaresma. Pede a Igreja que tal tempo seja vivido de modo a intensificar a vida de oração, aprender sempre mais a importância do jejum, libertar-se daquilo que é excessivo e partilhar com os necessitados os bens que temos. Essas três atitudes de conversão simbolizam nossa participação no mistério de Cristo, morto e ressuscitado.

3.1. A riqueza da espiritualidade quaresmal

A inspiração catecumenal oferece à Igreja, no Terceiro Tempo do catecumenato, o momento de recolhimento necessário à vida humana. Conduzida com sobriedade pela liturgia, a Quaresma concentra o menor tempo da inspiração catecumenal, o qual, porém, é o mais intenso dessa metodologia iniciática.

O Terceiro Tempo, que coincide com a Quaresma, “é um tempo em que se realça mais o cultivo da vida interior. Procura-se purificar os corações e aprofundar a conversão pelo exame de consciência e pela penitência” (CNBB, 2009, p. 44).

Dáí decorre que, ao longo da Quaresma, se configura o método celebrativo-vivencial por meio dos ritos específicos desse tempo: escrutínios e entregas. São ritos que marcam a maturidade de quem se põs no caminho do discipulado, confirmando seus sinais de adesão a Jesus, fortalecendo os vínculos com a comunidade e purificando e aperfeiçoando os sentimentos (RICA, 2001, p. 23-24).

3.2. Vida de oração

A marca do Terceiro Tempo e de seu método celebrativo-vivencial é a vida de oração, que tende a intensificar-se ao longo da Quaresma. Ademais, o itinerário de formação de discípulos missionários depende qualitativamente da oração da comunidade em prol daqueles que desejam receber os sacramentos na Vigília Pascal.

Por isso, enquanto os candidatos percorrem o tempo específico de preparação para a recepção dos sacramentos, a comunidade

cristã concorre com suas bênçãos e orações. Não é um desejo isolado de receber o sacramento ao fim de uma peregrinação catecumenal. A inspiração catecumenal exige a presença e o protagonismo da comunidade cristã, seu testemunho e vigilância, enquanto são realizados os preparativos para a Páscoa e, nela, a iniciação sacramental dos novos membros da família de fé.

4. Aspectos do método mistagógico

Antes, um dado: querigma e mistagogia são dimensões de um itinerário de inspiração catecumenal e paralelamente configuram, cada um deles, um tempo específico do mesmo itinerário.

Isso implica “compreender que também os tempos anteriores fazem mistagogia, ou seja, introduzem no mistério de Cristo e da Igreja, através dos ritos ao longo do ano litúrgico e de todo o percurso catecumenal” (QUEZINI, 2013, p. 61). De igual modo, o querigma é presença nos tempos subsequentes, porque a todo momento é preciso voltar a ele como razão e sentido do itinerário de fé.

Chamamos de método mistagógico o meio pelo qual os iniciados assumem automaticamente o papel de catequistas, enquanto a comunidade toda é, por um instante, catequizanda. Isto é, a mistagogia é o tempo e a atitude de, após experimentar na vida os efeitos do sacramento, poder partilhar tal experiência, contando-a aos membros da comunidade.

Enquanto, nos tempos anteriores, havia uma postura de preparação, agora, por força e realização do sacramento recebido, os iniciados estão em condições de assumir seu discipulado missionário, conduzindo novos interlocutores ao mistério de Cristo. E os primeiros interlocutores serão seus catequistas e familiares, para que ouçam os testemunhos de seu zelo e trabalho apostólico de educar na fé os recém-iniciados.

A mistagogia significa a ação de guiar, conduzir para dentro do mistério celebrado



no sacramento. Contudo, seremos capazes de mergulhar no mistério de Deus se deixarmos que ele mesmo nos conduza. O mistério de Deus não se explica com palavras, mas é vivência concreta, na experiência de fé que temos no dia a dia.

Em vista disso, a inspiração catecumenal sugere, para o tempo da mistagogia, a recuperação da unidade entre liturgia, catequese e caridade. Bonitos passos foram dados ao estreitar os laços de liturgia e catequese. Enquanto, porém, faltar a caridade, soaremos como um metal estridente e um címbalo que tine (cf. 1Cor 13,1).

Para (não) concluir

Para recuperar o modelo e jeito de ser da Igreja nascente, é preciso empreender um processo pessoal e comunitário de revisão e conversão de atitudes e metodologias. “Partindo de Jerusalém, os apóstolos criaram comunidades nas quais a essência de cada cristão se define como filiação divina” (CNBB, 2015, p. 43). A mesma essência das primeiras comunidades precisa penetrar nas estruturas das comunidades atuais e inspirar aquela mesma eclesiologia à ação evangelizadora atual. ●

Referências bibliográficas

- BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BENTO XVI. *A porta da fé*. São Paulo: Paulus, 2011.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília, DF: CNBB, 2017. (Documentos da CNBB, 107).
- _____. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. 2. ed. Brasília, DF: CNBB, 2015. (Documentos da CNBB, 100).
- _____. *Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal*. São Paulo: Paulus, 2009.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.
- FRAINER, Clóvis. *A história de Deus em nossa história*. Porto Alegre: Grafosul, 1977.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família*. Brasília, DF: CNBB, 2016.
- GEVAERT, Joseph. *O primeiro anúncio: finalidade, destinatários, conteúdos, modalidade de presença*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- KESTERING, Juventino. *Catequese de A a Z*. Blumenau: Nova Letra, 2016.
- LELO, Antonio Francisco. Paróquia: casa da iniciação à vida cristã. *Revista de Catequese*, São Paulo, n. 145, p. 60-71, jan./jun. 2015.
- MACHADO, Ariél P.; Bertoldi, Marlene. A inspiração catecumenal na educação da fé: catequese a serviço da iniciação à vida cristã. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 40, n. 149, p. 5-15, jan./jun. 2017.
- NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. *Querigma: a força do anúncio*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- QUEZINI, Renato. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da iniciação cristã de adultos*. São Paulo: Paulus, 2001.



Os sacramentos do batismo, crisma e eucaristia na perspectiva da catequese a serviço da iniciação à vida cristã

Lucia Imaculada*

A catequese está a serviço da iniciação cristã e da educação permanente da fé. O Concílio Vaticano II restaurou o catecumenato, no qual os três sacramentos da iniciação cristã devem ser entendidos e vivenciados de forma integral, como grande imersão no mistério pascal de Cristo. É necessária a iniciação em Cristo e em sua Igreja, na qual os sacramentos do batismo, da crisma e da eucaristia sejam considerados “ponto alto” e não “ponto final” por meio da catequese de inspiração catecumenal, tão valorizada pela Igreja no Brasil.

Introdução

A Igreja no Brasil, especialmente a partir da 2ª Semana de Catequese, ocorrida em 2001, assumiu o compromisso de motivar dioceses e paróquias a direcionar suas atividades catequéticas com base na inspiração catecumenal, tendo em vista uma mais significativa e efetiva iniciação à vida cristã.

Tal proposta torna-se, de certa forma, uma necessária mudança de foco da pastoral, para atender melhor aos desafios da mudança de época que estamos atravessando. O próprio

*Irmã Lucia Imaculada, cnsb, é religiosa da Congregação de Nossa Senhora de Belém. Assistente social e pedagoga, especialista em Ensino Religioso. Membro da Comissão Arquidiocesana da Iniciação à Vida Cristã da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Membro da Sociedade Brasileira de Catequetas, professora no Instituto Superior de Teologia, Instituto Superior de Ciências Religiosas, Escola Diaconal Santo Efrém e Escola de Fé e Catequese Mater Ecclesiae, na Arquidiocese do Rio de Janeiro. E-mail: ili.cnsb@gmail.com



Concílio Vaticano II já acenava para a necessidade de formar cristãos mais amadurecidos na fé e capazes de “dar as razões da própria esperança” (1Pd 3,15) por meio de uma atitude dialogal e respeitosa nesta sociedade pluralista em que vivemos, que exige de cada um de nós uma identidade eclesial como testemunha da fé cristã. Para facilitar esse processo, em alguns de seus documentos, o Concílio solicitou a restauração do catecumenato.¹ Citamos a constituição sobre a liturgia, *Sacrosanctum Concilium*:

Restaurar-se o catecumenato dos adultos, dividido em diversas etapas, introduzindo-se o uso de acordo com o parecer do Ordinário do local. Desta maneira, o tempo do catecumenato, estabelecido para a conveniente instrução, poderá ser santificado com os sagrados ritos a serem celebrados em tempos sucessivos (SC 64).

Essa renovação da pastoral catequética envolve uma ação integral que conduza à progressiva iniciação do candidato – seja ele criança, jovem ou adulto – no mistério pascal de Cristo. A experiência salvadora de Jesus na vida do candidato é perpassada por vários elementos que se integram, tais como o anúncio do querigma, a leitura orante da Bíblia, o chamado à conversão e ao testemunho de vida, o conhecimento da doutrina católica, as celebrações litúrgicas, a educação para a participação na vida eclesial, a iniciação à missão na vida social. Todos esses elementos são encontrados ao longo do processo, que se apresenta organizado em quatro tempos (pré-catecumenato, catecumenato, purifica-

ção e mistagogia), intercalados por três etapas (entrada no catecumenato, rito da eleição e recepção dos sacramentos). Tais etapas devem representar, na vida do candidato, sua predisposição para prosseguir em novo tempo com crescente adesão à vida de Cristo: “Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança” (1Cor 13,11).

A vida espiritual é dinâmica; deve ser desenvolvida até que todos tenhamos chegado à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus,

até atingirmos o estado de homem feito, a estatura da maturidade de Cristo. Para que não continuemos crianças ao sabor das ondas, agitados por qualquer sopro de doutrina, ao capricho da malignidade dos homens e de seus artifícios enganadores. Mas, pela prática sincera da caridade, crescamos em todos os sentidos, naquele que é a cabeça, Cristo. É por ele que todo o corpo – coordenado e unido por conexões que estão ao seu dispor, trabalhando cada um conforme a atividade que lhe é própria – efetua esse crescimento, visando à sua plena edificação na caridade (Ef 4,13-16).

1. O RICA como instrumento para compreensão da unidade entre os sacramentos da iniciação cristã

O *Ritual da iniciação cristã de adultos* (RICA), livro litúrgico editado no Brasil em 1973 e reeditado em 2001, por ocasião da 2ª Semana Brasileira de Catequese, torna-se o principal instrumento para compreender a metodologia do processo catecumenal. Mais do que as costumeiras práticas de “pre-

¹ SC 64 e 66; CD (*Christus Dominus*) 14; AG (*Ad Gentes*) 14.



paração” para os sacramentos, o RICA, ao citar, no primeiro número das “observações preliminares gerais sobre a Iniciação Cristã”, o texto do decreto do Concílio Vaticano II *Ad Gentes* (AG 14), apresenta a dinâmica de vida do candidato em união com todo o mistério da salvação: “Os seres humanos, libertos do poder das trevas, graças aos sacramentos da iniciação cristã, mortos com Cristo, com ele sepultados e ressuscitados, recebem o Espírito de filhos adotivos e celebram com todo o povo de Deus o memorial da morte e da ressurreição do Senhor”.

Com esse início, o RICA já aponta para o sentido de unidade entre os sacramentos da iniciação cristã que deve existir numa catequese com inspiração catecumenal, mostrando-nos a necessidade de superar a prática fragmentada que ainda perdura em nossas comunidades eclesiais, tanto em nível paroquial como diocesano.

Considere-se o fato de que, ainda num contexto de cristandade, vigorava uma prática cuja pressuposição era que, em famílias católicas, a iniciação ocorreria naturalmente. Nesse contexto, bastava a “preparação” mais imediata à recepção dos sacramentos.

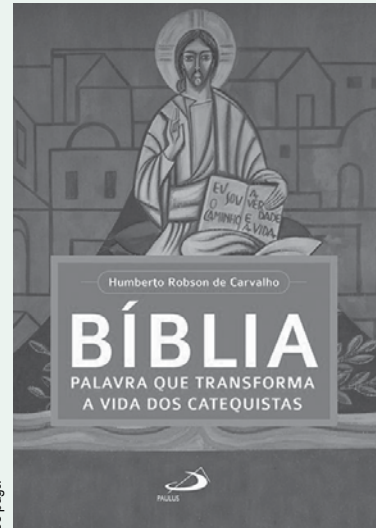
Nessa visão, os sacramentos do batismo, da crisma e da eucaristia eram e ainda são considerados celebrações estanques e distantes entre si. Tal perspectiva, de certa forma, desvaloriza a dinâmica da vida espiritual.

Em muitas comunidades, as próprias pastorais são organizadas de forma segmentada: pastoral do batismo, pastoral da catequese (em geral, voltada somente para as crianças e para a “preparação” para a primeira eucaristia) e pastoral da crisma (em geral, voltada apenas para os jovens). Há até uma quarta pastoral, chamada catequese de adultos (para os não batizados ou para aqueles que receberão apenas a primeira eucaristia, pois, para a recepção do sacramento da confirmação, deverão participar, no ano seguinte, da pastoral da crisma).

Bíblia

Palavra que transforma a vida dos catequistas

Humberto Robson de Carvalho



O catequista é um discípulo-missionário, e seu discipulado nasce a partir do dia em que faz o grande encontro de sua vida: o encontro com Jesus. Esta obra apresenta um percurso para que o catequista tenha familiaridade com a Palavra de Deus, salientando o lugar primordial da Palavra no ser do catequista e no exercício do seu ministério.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Essa prática, ainda muito comum, não só revela os equívocos de compreensão, como reforça a ideia de que, em relação aos sacramentos da iniciação cristã, encontramos um conjunto de pastorais, mas não um trabalho de pastoral de conjunto. Isto é, “estes sacramentos deveriam estar abertos uns aos outros num crescimento dinâmico, em busca da perfeição mais profunda que consiste em viver a vida nova de Cristo” (ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO, 2010, p. 15).

Se nos aprofundarmos no estudo do texto introdutório do RICA, poderemos perceber que esse livro litúrgico nos convida a recuperar e esclarecer o sentido do processo catecumenal, a serviço da iniciação à vida cristã, superando a prática de uma catequese que visa somente à recepção dos sacramentos.

O batismo os incorpora a Cristo, tornando-os membros do povo de Deus; perdoa-lhes todos os pecados e os faz passar, livres do poder das trevas, à condição de filhos adotivos, transformando-os em uma nova criatura pela água e pelo Espírito Santo; por isso, são chamados filhos de Deus e realmente o são. Assinalados pela crisma pela doação do mesmo Espírito, são configurados ao Senhor e cheios do Espírito Santo, a fim de levarem o Corpo de Cristo quanto antes à plenitude. Finalmente, participando do sacrifício eucarístico, comem da carne e bebem do sangue do Filho do homem, e assim recebem a vida eterna e exprimem a unidade do povo de Deus; oferecendo-se com Cristo, tomam parte no sacrifício universal, no qual toda a cidade redimida é oferecida a Deus pelo Sumo Sacerdote; e ainda suplicam que, pela abundante efusão do Espírito Santo, possa todo o gênero hu-

mano atingir a unidade da família de Deus. De tal modo se completam os três sacramentos da iniciação cristã, que proporcionam aos fiéis atingirem a plenitude de sua estatura no exercício de sua missão de povo cristão no mundo e na Igreja (RICA, “A iniciação cristã”, n. 2).

“No início da Igreja, os três sacramentos da iniciação cristã eram conferidos juntos, no Sábado Santo, dentro da celebração da Vigília Pascal, mãe de todas as vigílias”

2. Os sacramentos da iniciação cristã: do compartimento para a integração

No início da Igreja, os três sacramentos da iniciação cristã eram conferidos juntos, no Sábado Santo, dentro da celebração da Vigília Pascal, mãe de todas as vigílias. Após longo período de iniciação, o catecúmeno era totalmente inserido no mistério pascal de Cristo, recebendo os sacramentos nesta ordem: batismo, confirmação e eucaristia. A iniciação cristã de adultos mantém essa ordem tanto nos ritos latinos como nos orientais; isto é, começa quando o adulto ingressa no tempo do catecumenato e atinge seu ponto culminante em uma única celebração dos três sacramentos.

Em relação à iniciação de crianças ou até mesmo adolescentes, “nos ritos orientais, a iniciação cristã das crianças começa no batismo, seguido imediatamente pela confirmação e pela eucaristia, ao passo que, no rito romano, ela prossegue durante os anos de catequese, para terminar mais tarde com a confirmação e a eucaristia, ápice de sua iniciação cristã” (CIC, cân. 85, 2º).

Atualmente, por conta dessa “separação” entre os sacramentos da iniciação cristã, a administração do sacramento da crisma foi transferida para o tempo da adolescência. A alegação é de cunho pastoral, no sentido de buscar maior maturidade para o jovem candidato, a fim de que assuma a fé de modo mais sério e comprometido.



A proposta pode ser interessante do ponto de vista pastoral, porém nela o sacramento da crisma passa a ser considerado o ponto final da iniciação cristã, ficando em segundo plano o fato de que o cume de toda a vida sacramental é a eucaristia.

O *Catecismo da Igreja Católica*, em seu número 1212, afirma:

Pelos sacramentos da iniciação cristã – batismo, confirmação e eucaristia – são lançados os *fundamentos* de toda a vida cristã. “A participação na natureza divina, que os homens recebem como dom mediante a graça de Cristo, apresenta certa analogia com a origem, o desenvolvimento e a sustentação da vida natural. Os fiéis, de fato, renascidos no batismo, são fortalecidos pelo sacramento da confirmação e, depois, nutridos com o alimento da vida na eucaristia. Assim, por efeito destes sacramentos da iniciação cristã, estão em condições de saborear cada vez mais os tesouros da vida divina e de progredir até alcançar a perfeição da caridade”.

Durante a 55ª Assembleia Geral da CNBB, ocorrida em 2017 – quando foi aprovado o Documento 107, *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários* –, essa temática veio à tona e tornou-se explícita no número 240, quando se afirmou a necessidade de se realizarem estudos de aprofundamento para recuperar a sequência original dos sacramentos da iniciação cristã. Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, o hoje papa emérito Bento XVI afirma que a eucaristia se torna o sacramento para o “qual tende toda a iniciação” (SCa 18).

Se a prática pastoral apresenta-se muitas vezes dicotomizada, torna-se necessário aos responsáveis pela condução do projeto pastoral de iniciação à vida cristã em nível paroquial ou diocesano rever ou fortalecer alguns pontos práticos.

Paróquia e iniciação cristã

A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal

João Fernandes Reinert



260 págs.

A metodologia catecumenal, caminho antigo e sempre novo para iniciar na fé, apresenta-se como uma renovada chance evangelizadora. Contudo, ela depende de renovada configuração paroquial. Catecumenato e renovação paroquial se complementam e se enriquecem. O que o catecumenato tem a dizer à renovação paroquial e em que sentido a paróquia renovada contribui para o catecumenato? Descubra neste livro!

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Pode-se realizar, com a equipe de catequistas, um aprofundamento litúrgico dos sacramentos de iniciação cristã, de modo que a integração com a equipe de liturgia fortaleça o “mergulho” existencial na beleza dos ritos: realizar a leitura orante da Palavra, utilizando os textos bíblicos sugeridos pelo RICA; meditar as orações, escrutínios e exorcismos; valorizar a linguagem corporal contida nos vários ritos, a fim de facilitar a inteireza da pessoa nas várias etapas do processo catecumenal (“a Verdade só se revela inteira ao homem inteiro”).²

Se houver esse aprofundamento litúrgico, ficará muito mais evidente para todos, catequistas e catecúmenos/catequizandos, a unidade entre os sacramentos da iniciação cristã e como a liturgia, de maneira geral, conduz todos os sacramentos para a recepção e vivência da eucaristia.

A Iniciação à Vida Cristã depende da integração entre o processo formativo e a liturgia. A liturgia é fonte inesgotável de formação do discípulo missionário, e as celebrações, pela riqueza de suas palavras e ações, mensagens e sinais, podem ser consideradas como “catequese em ato”. Não somente os catequizandos e os que seguem outros processos formativos, mas toda a comunidade precisa ser constantemente formada para a vida litúrgica. A liturgia, com a riqueza do Ano Litúrgico, é ocasião privilegiada de formação continuada (CNBB, Doc. 107, n. 182).

Outro aspecto não menos interessante é

“Quando valorizamos o percurso pessoal de cada candidato, inserido na vida comunitária, realizamos em conjunto a ‘gestação’, a iniciação cristã desses novos discípulos missionários de Jesus”

organizar a iniciação à vida cristã segundo a faixa etária, isto é, iniciação cristã de crianças e adolescentes, iniciação cristã de jovens e adultos. A prática tão comum de abordar a iniciação com foco nos sacramentos favorece uma compreensão de terminalidade que, muitas vezes, prejudica a inserção dos candidatos na vida eclesial. Expressões do tipo

“pastoral da catequese”, “pastoral da crisma”, e até mesmo “catecumenato eucarístico” e “catecumenato crismal”, vinculam o processo a uma conclusão, que seria a recepção dos sacramentos de forma estanque em relação aos outros. Precisamos reconhecer que nossa atividade pastoral considerou a “preparação para” em detrimento da “iniciação à”. Quando a comunidade *prepara*, reforça a ideia de que a “obra” está concluída. Quando a comunidade *inicia*, conduz, pedagógica e mistagógicamente, ao en-

contro pessoal e comunitário com Cristo e com a Igreja.

Ainda que muitos jovens e adultos aparentemente recebam “por último” o sacramento da crisma, como que “concluindo” a iniciação cristã (após já terem sido batizados e recebido a primeira eucaristia), torna-se fácil mostrar que a própria liturgia da missa da qual participam conduz ao ápice que é a eucaristia. Pelo batismo, somos incorporados a Jesus e à sua Igreja; na crisma, somos configurados à missão de Jesus pastor e evangelizador; na eucaristia, somos alimentados por Jesus, a fim de aprendermos com ele a doar nossa vida até pelo martírio, se preciso for.

Outra maneira de colaborar para que a unidade dos sacramentos fique mais evidenciada é reunir os jovens e os adultos não batizados (catecúmenos) em uma única turma, a fim de vivenciarem de maneira plena todos os

² CAVALCANTI, Madre Maria Helena. *Documento fundacional da Congregação de Nossa Senhora de Belém*, 1957. Arquivo da congregação.



ritos contidos no itinerário de vida cristã, culminando com a recepção dos três sacramentos durante a Vigília Pascal, conforme sugere o Código de Direito Canônico: “A não ser que uma razão grave o impeça, o adulto que é batizado seja confirmado logo depois do batismo e participe da celebração eucarística, recebendo também a comunhão” (CDC, cân. 866).

O Documento 107 da CNBB reafirma essa necessidade:

Os candidatos adultos que vão receber os três sacramentos da iniciação cristã devem fazê-lo preferencialmente na Vigília Pascal. O RICA orienta, porém, que os adultos já batizados não celebrem os sacramentos da crisma e da eucaristia na Vigília Pascal. Poderão, então, recebê-los em outra ocasião mais adequada, de acordo com o cronograma proposto pela comunidade paroquial (CNBB, Doc. 107, n. 147).

Por isso, em relação aos demais catequizandos (já batizados), o RICA sugere vários itinerários, que podem ser adaptados às situações de vida pessoal, comunitária e religiosa de cada grupo. Esse acompanhamento e cuidado pastoral devem ser realizados pela comunidade como um todo, já que a iniciação cristã “é algo de seu e interessa a todos os batizados” (RICA 41). O período mais apropriado é sempre durante o tempo pascal, cuja liturgia faz evidenciar, de forma belíssima, o mistério pascal de Cristo, fonte de vida nova para todos os que dele se aproximam.

Em relação à iniciação à vida cristã de crianças e adolescentes, o sentido de progressividade se torna mais evidente ao longo de todo o itinerário da catequese de inspiração catecumenal. Há dioceses e paróquias que realizam o que se costuma denominar de pré-catecumenato infantil, quando crianças a partir de 4/5 e 6/7 anos participam de grupos da mesma faixa etária, a fim de receberem o primeiro anúncio da fé. O objetivo é a evangelização delas e de

suas famílias. Em seguida, temos o catecumenato infantil, no qual crianças entre 7-10 anos recebem, num primeiro momento, o querigma e, depois de participarem do rito de entrada, são instruídas na palavra de Deus e nos fundamentos da fé católica. Após a participação no rito penitencial, esses pequenos candidatos são admitidos ao batismo (os não batizados) e, posteriormente, à mesa eucarística. O tempo da mistagogia pode ser vivenciado nos vários grupos juvenis existentes nas paróquias, tais como o grupo da catequese de perseverança, o grupo de coroinhas, o da Infância e Adolescência Missionária (IAM), o do Movimento Eucarístico Jovem (MEJ), o dos marianinhos, entre outros. A participação nessas atividades eclesiais colabora muito no desenvolvimento do serviço a Cristo e aos irmãos, fruto da vida da graça em cada um de nós e de todos os que se aproximam dos sacramentos da iniciação cristã. Mesmo que recebam o sacramento da crisma na adolescência, na juventude ou na vida adulta, já realizam na própria vida os frutos dos sacramentos do batismo e o sentido da vida eucarística. Afinal, o mandamento do amor foi ordenado por Jesus na Última Ceia: “Dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,34).

Conclusão

Quando valorizamos o percurso pessoal de cada candidato, inserido na vida comunitária, realizamos em conjunto a “gestação”, a iniciação cristã desses novos discípulos missionários de Jesus. Observa-se que, muitas vezes, porém, algumas práticas pastorais se satisfazem apenas com a prática ritual, o que pode empobrecer a unidade entre os sacramentos da iniciação cristã. O rito quer expressar o desenvolvimento do candidato em toda a integralidade da vida cristã: crescimento na fé crida, celebrada, vivida e orada, fazendo-o, de maneira progressiva, tanto em sua vida pessoal como na vida comunitária



da família de Deus, a qual também se renova e se fortalece ao recebê-lo.

Por fim, cabe recordar que o *Documento de Aparecida* dá grande destaque à catequese de inspiração catecumenal, quando afirma em seu número 294:

Assumir esta iniciação cristã exige não só uma renovação de modalidade catequética

da paróquia. Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido em todo o continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental. Depois, virá a catequese permanente que continua o processo de amadurecimento da fé [...].

Referências bibliográficas

- AHUMADA, Enrique García. *Aporte catequético del 3º Congreso Internacional del Catecumenado*. Santiago: Universidad Finis Terrae, 2017.
- ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO. *Diretório arquidiocesano da iniciação cristã*. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nossa Senhora da Paz, 2010.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.
- CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília, DF: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.
- CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. 2. ed. Brasília, DF: CNBB, 2017. (Documentos da CNBB, 107).
- CÓDIGO de Direito Canônico. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- REVISTA DE CATEQUESE. São Paulo: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, n. 150, 2017.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da iniciação cristã de adultos*. São Paulo: Paulinas, 2003.



136 páginas

Liturgia: elementos básicos para a formação de catequistas Humberto Robson de Carvalho

Sem liturgia, não há catequese verdadeira. Este livro convida você a resgatar a relação entre a prática catequética e a ação litúrgica, abraçando inteiramente a missão de formar discípulos missionários comprometidos com o projeto de Jesus.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Luiz Alexandre Solano Rossi é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-doutor em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e em Teologia pelo Fuller Theological Seminary (Califórnia, EUA). É professor no programa de Mestrado e Doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Publicou diversos livros, a maioria pela PAULUS, entre os quais: *A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó*; *Como ler o livro de Jeremias*; *Como ler o livro de Abdias*; *Como ler o livro de Joel*; *Como ler o livro de Zacarias*; *Como ler o livro das Lamentações*; *A arte de viver e ser feliz*; *Deus se revela em gestos de solidariedade*; *A origem do sofrimento do pobre*. E-mail: luizalexandrrossi@yahoo.com.br



Luiz Alexandre Solano Rossi*

Epifania do Senhor
6 de janeiro

I. Introdução geral

Procure imaginar que, no projeto de Deus, tudo deve estar conectado. Considere, contudo, que não somente as pessoas se conectam umas às outras. Trata-se de conexão que vai além das pessoas e atinge também os espaços em que elas vivem. Nesse sentido, podemos incluir nesta conversa as cidades e as Igrejas. As cidades e as Igrejas deveriam ser um reflexo dos compromissos de cada pessoa e, assim, refletir o compromisso com os valores evangélicos que cada cristão traz gravados no coração. Cidades e Igrejas que não refletem os valores evangélicos apenas mostram que a maioria do povo que nelas está inserido vive uma vida cristã sem autenticidade e desvinculada do projeto de Deus. Nesse sentido, uma reflexão poderia ser muito bem-vinda: a cidade que habitamos reflete o povo de Deus que nela vive? Mais ainda: qual a relevância de nossas Igrejas para as cidades?

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Is 60,1-6

Na primeira leitura, estamos diante da bela descrição que o profeta Isaías faz da cidade de Jerusalém. A cidade é estabelecida



por Deus como centro religioso e econômico para todos os povos. Uma cidade em que necessariamente as pessoas se encontrariam e desenvolveriam um projeto de paz, de segurança e de bem-estar. Vendo dessa forma, é possível dizer que a construção do bem-estar indica a desconstrução e superação do mal-estar, ou seja: as sementes da violência e da destruição já não crescerão nas ruas da cidade de Jerusalém.

É possível pensar nessa descrição comparando-a àquela de Isaías 1,21-23, em que o profeta retrata a cidade de Jerusalém como infiel a Deus porque havia posto de lado a prática do direito e da justiça e deixado de agir solidariamente em favor dos enfraquecidos. A cidade que se caracteriza pelo brilho da glória de Deus é aquela em que reina a prática da justiça. O profeta Isaías chama a nossa atenção para algo de extrema importância do qual, na maioria das vezes, nos esquecemos. A cidade de Jerusalém era infiel, ainda que tivesse um templo e este fosse o famoso Templo de Salomão. Isaías é ousado ao mostrar que a infidelidade a Deus estava ligada à prática da injustiça, à falta de solidariedade e do direito e também ao esquecimento dos pobres justamente por aqueles que frequentavam o Templo. Eram pessoas que gostavam de Deus desde que não precisassem praticar a justiça!

2. II leitura: Ef 3,2-3a.5-6

A palavra “mistério” utilizada por Paulo não deve ser compreendida como algo que foge à nossa compreensão. Seu significado primeiro se relaciona com o projeto de Deus, que visa salvar a todos por intermédio de Jesus. Em Jesus tudo se descortina. Ele é quem revela Deus: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

Há um projeto salvador em Jesus que Paulo procura com esmero anunciar. Diz ele que esse projeto não era conhecido das gerações passadas. Trata-se de mistério apresentado para a salvação de toda a humanidade, mediante Jesus Cristo. Paulo está dizendo, com todas as letras, que não é possível mo-

nopolizar o Messias. Nesse caso, também os “gentios” são convidados a participar do povo de Deus. Em Jesus Cristo é somente possível pensar em inclusão. Nele, por ele e a partir dele todas as pessoas podem se sentir incluídas.

Jesus, por isso, não pode ser circunscrito a uma etnia, a uma ideologia, a uma fronteira qualquer. Vemos nele, em suas palavras e ações, que sua preocupação maior era sempre com a inclusão. Jamais recusava aqueles que queriam segui-lo. Jamais fechava a porta atrás de si. Não se via como um mistério a ser desvendado por alguns iluminados e privilegiados. Nele havia a possibilidade da inclusão para todos aqueles que desejassem segui-lo. Bastava dar um primeiro passo!

3. Evangelho: Mt 2,1-12

Uma visão que bem poderia ser compreendida como a mais comum para todos nós reveste-se de uma força que tem o poder de contagiar-nos e, dessa forma, conduzir-nos por caminhos de novas e melhores práticas: Maria está em casa com seu filho (cf. v. 11) – uma imagem que para muitos em nossa sociedade, sejam mães ou pais, se tornou fugidia. Ela está em casa e usa de seu tempo de forma sábia e com qualidade. Vive com qualidade ao lado do filho. Faz do espaço doméstico um lugar de formação continuada do caráter do pequeno Jesus. É bem apropriado dizer que Maria utiliza seu tempo com qualidade. No tempo, Maria vê possibilidades de gerar maior conhecimento e comunhão não somente entre ela e o filho, mas também entre eles e o projeto de Deus.

Hoje, dizemos: “Não temos tempo” e, com isso, vivemos com nossos filhos e filhas relações marcadas por profunda falta de qualidade. Vivemos mais fora do que dentro de casa. Muitos saem pela manhã, quando os filhos estão dormindo, e somente voltam à noite, quando aqueles já se recolheram. Não



os veem e, conseqüentemente, comprometem a qualidade do relacionamento com seus filhos. Se administrarmos o tempo de forma inadequada, ele age contra nós. Disso decorre que, não raro, quando percebemos, nossos queridos filhos(as) cresceram sem que tivéssemos consciência de tal fato. Precisamos de tempo e, talvez muito mais do que isso, precisamos priorizar o que realmente possui valor para todos nós: os(as) filhos(as).

Não há nada que substitua o contato da mãe e do pai com seus filhos e filhas. Por isso, Maria se faz presente. Não é uma mãe ausente. Sua presença é forte, constante, carinhosa e fundamental para que seu filho cresça num ambiente sadio. O texto bíblico, ao ressaltar que “viram o menino com Maria”, deseja enfatizar que a qualidade dos relacionamentos bem construídos é constituída do tempo dedicado às pessoas que amamos. Maria ama e, por isso, faz questão de viver próxima do filho. “Não tenho tempo”, dizemos com muita facilidade, a fim de reduzir o senso de culpa. No entanto, as 24 horas do dia de Maria são também as 24 horas que temos. Assim, o problema não está na quantidade de horas, mas na maneira como as administramos e elegemos nossas prioridades.

É impossível amar com qualidade se não estamos presentes. O próprio Deus conhecia esse princípio ao escolher o nome para seu Filho: Emanuel, ou seja, “Deus conosco”. Para amar e continuar amando, precisamos nos encontrar e “gastar” o tempo juntos. Maria é “Emanuel” para seu filho e, da mesma forma, deveríamos ser “Emanuel” para nossos filhos e filhas.

III. Pistas para reflexão

– Para quem precisamos ser “Emanuel”, isto é, presença que ajuda, abençoa, partilha, vive e convive? A presença fala muito mais alto do que a ausência. Devemos nos inspirar na “estratégia de Deus”, que se fez presente junto a

Ministério do catequista

Elementos básicos para a formação

Humberto Robson de Carvalho



Esta é uma obra que busca ensinar a doutrina, mas, acima de tudo, levar a uma experiência vital do Mistério de Cristo, colaborar com a formação de catequistas, compreendendo que a catequese é um processo de educação da fé que passa e perpassa as diversas etapas da vida dos cristãos, além de formar catequistas versados na pedagogia do Mistério, discípulos e discípulas do Senhor capacitados a levar a seus catequizandos uma verdadeira iniciação à vida cristã.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



nós por meio de Jesus, e nos convencer de que podemos revitalizar a qualidade dos nossos relacionamentos com os que nos cercam e com nossa comunidade somente quando fazemos de nossa presença algo constante.

– Muitas vezes (para não dizer a maioria das vezes) nossas cidades são marcadas por muita religiosidade e pouca justiça social. Tente dimensionar a desproporção entre a totalidade das pessoas que se dirigem a alguma igreja nos fins de semana e o perfil da cidade onde elas vivem. Praticamente são as mesmas pessoas que estão em um e em outro lugar. No entanto, se um lugar parece o “céu”, o outro está mais parecido com o “inferno”, devido à prática da injustiça e ao descaso para com o ser humano. Como poderia um só povo produzir tão diferentes lugares?

Batismo do Senhor
13 de janeiro

I. Introdução geral

No princípio, Deus criou todas as coisas, entre as quais os seres humanos. Diz o texto bíblico que Deus criou o homem e a mulher como sua imagem e semelhança. Quem é a imagem de Deus: somente o homem, somente a mulher? A resposta é um sonoro não. Tanto um quanto o outro ou, tornando mais simples, a totalidade de um com o outro, o encontro de um com o outro é que manifestam a imagem de Deus. No entanto, se o projeto de Deus é a semelhança para o serviço mútuo, o projeto humano é a diferenciação para a construção de relações de poder, tendo em vista o domínio de uns sobre os outros. Assim, não nos vemos como iguais. Enxergamos, sim, as pessoas de forma hierarquizada, com alguns sempre acima e outros, muitos outros, sempre abaixo. A lógica do projeto de Deus é a manifestação de relações justas entre iguais, enquanto a lógica humana se apresenta como a construção de relações de poder entre desiguais. Qual lógica vamos escolher?

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Is 42,1-4.6-7

Estamos diante do primeiro poema do servo de Javé (cf. Is 49,1-9a; 50,4-11; 52,13-53,12). Trata-se de alguém que possui características e missão especiais. Muitas vezes não damos o devido destaque ao aspecto concreto das palavras utilizadas nesse texto de Isaías. A missão do servo é realizar a justiça e promover o direito. Sua ação se desenvolve para além das fronteiras do povo de Israel e atinge as nações. Afinal, um projeto de vida e de sociedade construído com base na justiça e no direito é infinitamente superior a um projeto construído sobre os fundamentos da violência e da injustiça.

É interessante destacar que o projeto assumido pelo servo é também o projeto presente no coração e na vontade de Deus. Vejam-se algumas palavras que remetem à relação de Deus com o servo: “meu servo”, “eu sustento”, “meu escolhido”, “nele me agrado”. O servo está umbilicalmente ligado a Deus e não se pensa longe dele. O projeto do servo, portanto, também é o projeto de Deus. Vale dizer que o projeto do servo estava no coração de Deus. Todavia, também se faz essencial compreender que a missão do servo se faz relacionalmente, ou seja, ele existe para os outros, está a serviço para implantar a justiça. Mas como? Ao abrir os olhos dos cegos, ao tirar os presos da cadeia e do cárcere os que vivem no escuro. Uma verdade incontestável: o servo cumpre a vontade divina aproximando-se solidariamente das pessoas mais fragilizadas da sociedade. Nesse sentido, todas as vezes que formos em direção aos pequeninos da sociedade, estaremos caminhando em direção a Deus.

2. II leitura: At 10,34-38

“Deus não faz diferença entre as pessoas” poderia ser o título do que chamaríamos de catequese para a vida. Pedro chegou a essa conclusão por meio de uma experiência real



na casa de Cornélio. Enquanto Pedro queria separar, Deus queria unir. Não existe, de fato, teologia da separação, que procura diferenciar os que são daqueles que não são; os melhores dos piores; os fortes dos fracos; os ricos dos pobres. Para fundamentar sua experiência, Pedro põe em cena o próprio Jesus, que peregrinava pelas estradas fazendo o bem e curando a todos. O apóstolo reconhece que o evangelho não pode ser visto como uma redoma de vidro, privilegiando alguns poucos em detrimento de muitos.

A descoberta do apóstolo é que as boas-novas possuem um caráter universal e, com a universalização da mensagem de Jesus, todas as barreiras levantadas pelos preconceitos humanos devem ser derrubadas. O evangelho não é, portanto, um instrumento de construção de barreiras que nos impedem de caminhar em direção aos outros, e sim um instrumento que nos leva a caminhar em direção ao outro por meio de pontes de libertação. Viver um evangelho que não derruba barreiras é algo para ser revisto. Todo evangelho, necessariamente, deveria nos levar à superação dos preconceitos que edificamos e pensamos serem eternos. A universalização do preconceito cria infernos no cotidiano e inviabiliza a construção de uma sociedade na qual Jesus seja tudo em todos. Se vamos universalizar algo, que não seja o preconceito, e sim o amor de Jesus, que inclui a todos.

3. Evangelho: Lc 3,15-16.21-22

Na segunda leitura, lemos como Deus ungiu a Jesus com o Espírito Santo e com poder. No evangelho, deparamos com duas grandes figuras: João Batista e Jesus. Entre eles está o povo que procura pelo Messias. A atitude do Batista é permeada de humildade: ele sabe que é apenas como uma bússola que indica a melhor direção. E sua humildade é exemplar: percebe-se como alguém que não tem nem mesmo condições de desamarra a

correia das sandálias de Jesus. João é consciente até mesmo de sua indignidade para prestar o mais humilde dos serviços de um escravo a Jesus, pois eram os escravos os responsáveis por desatar as correias das sandálias de seus senhores. O profeta não está preocupado com posições e com poder.

Mesmo que a pregação de João Batista tenha aumentado no povo a esperança da próxima vinda do Messias e a suposição de que ele próprio pudesse sê-lo, no coração do Batista resplandecia a beleza do Cristo. Tudo em João apontava para Jesus. O profeta não chama para si as luzes dos holofotes. Sabedor de sua missão, retira-se para que as luzes atinjam em cheio aquele que deveria reinar eternamente. O poder de Jesus se manifestará em sua obra. Enquanto João batiza apenas com água, Jesus batizará com o Espírito Santo e com fogo. Não que a água não seja importante. Percebe-se, na verdade, que a ação de Jesus vai mais longe.

Tanto nos v. 15-16 quanto nos v. 21-22, a presença do Espírito Santo é abundante. Nos primeiros versículos, indica-se que Jesus batizará com o Espírito Santo e com fogo e, nos últimos, que o Espírito Santo desce sobre ele no batismo não somente o tomando por completo, mas também ratificando sua identidade: realmente ele é Filho de Deus, pois é gerado por Deus. Aquele que é cheio do Espírito pode batizar com o Espírito.

A equação parece simples: não se pode dar o que não se tem. Jesus é a vida e concede vida; tem o Espírito e batiza com o Espírito. Em Jesus se encontra a plenitude da vida, e a vida somente pode ser completa em nós ao assumirmos a vida dele. O que Jesus é se replica totalmente em suas relações, palavras e ações. Tudo o que ele é se reproduz naqueles que lhe dão adesão. Certamente esta seria a lógica esperada por Jesus: tudo o que somos por causa dele deveria ser replicado e multiplicado em nossos relacionamentos, palavras e ações.



Se, no início, o Espírito pairava sobre as águas, produzindo ordem em meio ao caos, agora a presença do Espírito em Jesus criará ordem em todos(as) aqueles(as) que a ele aderirem. Em meio ao caos que, em muitos momentos, se apresenta na vida, é necessária a presença do único princípio capaz de anular sua força ameaçadora, produtora de destruição: trata-se do princípio da criação a partir de cada vida! Desse momento em diante, a missão do Filho é a mesma missão do Pai.

III. Pistas para reflexão

– Uma das questões mais difíceis do ser humano relaciona-se com o tema do poder. Na verdade, o poder pode ser considerado o mais terrível vírus que infecta o ser humano. Ninguém está livre dele! Trata-se de tentação constante e contínua. Dificilmente nos vemos como servos. A preocupação de muitos é com as posições que podem ocupar e a quantidade de poder que terão em cada uma dessas posições. Não valeria a pena recuperarmos o exemplo de João Batista?

– Quais preconceitos trazemos no coração? Sim, sabemos e temos convicção de que Deus não faz diferença entre as pessoas. O que, no entanto, dizer de nós? Via de regra, quase ninguém se reconhece preconceituoso. Basta, porém, uma cena do cotidiano para verificarmos que o preconceito existente dentro de nós é muito mais forte do que jamais havíamos pensado. Não é verdade que temos a tendência de dividir as pessoas entre melhores e piores, fortes e fracos, ricos e pobres, inteligentes e ignorantes, e decidirmos sempre pelos que são o que admiramos, em detrimento daqueles que não são?

2º Domingo do Tempo Comum
20 de janeiro

I. Introdução geral

Se quisermos permanecer sempre da mesma maneira, será necessário optarmos por uma

vida em que Deus se faça ausente. Talvez pudéssemos dizer que o “sobrenome” de Deus seja “mudança”. Onde ele se apresenta, não somente as pessoas mudam, como também suas histórias são fortemente alteradas. A experiência do êxodo é modelar. Deus se apresentou na história dos escravos mantidos em cativeiro por um faraó que não desejava mudança alguma, mudou a condição deles de escravos para livres e propôs-lhes construir uma história em que eles mesmos seriam protagonistas. Andar com Deus significa, por conseguinte, rever completamente quem somos, o que fazemos e como fazemos. A partir do momento em que experimentamos Deus, não podemos mais ser e fazer do mesmo jeito. Nele a mediocridade é anulada para que possamos ir mais além. Mediocre, nesse sentido, é a pessoa que se acomodou àquilo que é, além disso, se acostumou com o futuro como uma extensão do que vive no presente. Transformados pela experiência de Deus, somos chamados a viver de forma diferente numa sociedade marcada pela indiferença.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. 1ª leitura: Is 62,1-5

Andar com Deus exige mudança radical de vida. É impossível caminhar com ele e continuar agindo da mesma maneira. Talvez até possamos dizer que, se quisermos continuar vivendo do mesmo jeito, deveremos, na verdade, afastar-nos de Deus. Relacionamento com Deus, portanto, exige transformação. Em Isaías, a transformação vem manifestada pela mudança de nome, o que, nesse caso, significa ter novo destino. A transformação radical pela qual passará Jerusalém pode ser vista na comparação dos nomes antigos com os nomes novos: de abandonada e desolada, Jerusalém será conhecida como minha delícia e desposada. Não se trata de uma repaginação para esconder o que está errado ou, em outras pa-



lavras, esconder a sujeira embaixo do tapete. Trata-se, sim, de radical transformação.

Quando Deus se ausenta, também o projeto de vida, liberdade e justiça desejado por ele se afasta. A ausência de Deus se manifesta por meio da instalação de um projeto de violência e de morte. Por isso o profeta Isaías havia dito que a cidade fiel se transformara em prostituta, que antes era cheia de direito e nela morava a justiça, mas, após o afastamento de Deus, estava cheia de criminosos (cf. Is 1,21). Nega-se a Deus e sua presença, nesse caso, quando se vira as costas para os mais frágeis da sociedade; ou seja, nas palavras do próprio Isaías, quando não se faz justiça ao órfão, e a causa da viúva não chega até os chefes do povo (cf. Is 1,23).

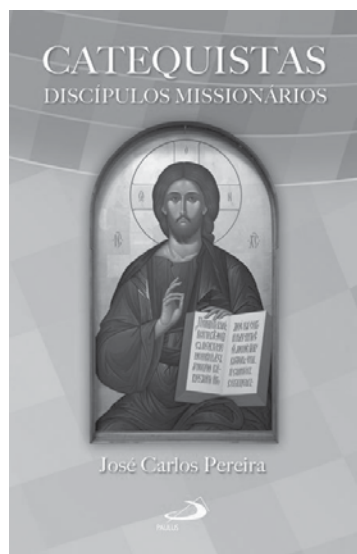
2. II leitura: 1Cor 12,4-11

A segunda leitura nos mostra que a multiplicidade deve sempre ser vista como algo salutar. Não precisamos viver sob a ditadura do que é singular e absoluto. Somos plurais em nossas relações, e o apóstolo Paulo bem sabe disso. Dessa forma, ele ensina que dons, ministérios e atividades devem ser pensados como plurais, mas sob a tutela e a unificação do Espírito. O que vale, portanto, é a unidade do corpo, a qual resulta do exercício da pluralidade. O sentido e a razão de existirem dons, ministérios e atividades estão relacionados à forma pela qual tudo chega como serviço às pessoas. Todos três devem servir à finalidade comunitária.

O olhar de Paulo, sem dúvida, está sempre voltado para o comunitário em detrimento do individual. O apóstolo poderia muito bem fazer a seguinte pergunta: como os dons e ministérios que tenho ajudam a construir minha comunidade? Carisma e serviço, à luz dessa concepção, completam-se. Tudo o que somos e temos pertence à comunidade. Deus jamais concede algo para favorecer o império do individualismo. Na verdade, Deus pensa de forma comunitária e relacional. A criativi-

Catequistas Discípulos missionários

José Carlos Pereira



214 págs.

A missão do catequista é fundamental na vida da paróquia e da Igreja como um todo. Em suas mãos está grande responsabilidade: fazer com que outras pessoas, sobretudo crianças, adolescentes e jovens, conheçam Deus, a Igreja e sua missão de batizados. Boa parte dos conceitos de Deus e da Igreja que os catequizandos terão durante a vida será fruto daquilo que o catequista lhes ensinou.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



dade teológica de Paulo é chave para entender que Deus, em sua infinita sabedoria, distribuiu dons, ministérios e serviços a diferentes pessoas a fim de que elas, ao se encontrarem, completassem umas às outras. Na lógica de Paulo, se vivemos separados, sucumbimos ao isolamento. Se, ao contrário, nos aproximarmos, complementaremos o que falta a fim de que o corpo cresça em unidade.

Não podemos, contudo, deixar de perceber a crítica sutil que Paulo faz àqueles que, na comunidade de Corinto, desejavam ser os proprietários do Espírito Santo. A ambição deles promovia a divisão da comunidade; orgulhavam-se de ter determinados dons e, portanto, achavam-se superiores. A esses Paulo afirmava, de forma categórica, que quem concedia os dons e fazia agir era o Espírito de Deus.

3. Evangelho: Jo 2,1-11

O Evangelho de João retrata uma situação de carência. Maria é a discípula das discípulas. Ela assume o discipulado como estilo de vida, e assim seus gestos, suas palavras, seus sentimentos, seu jeito de ser-viver-fazer estão direcionados para o próprio Jesus. Maria é a mãe de Jesus, mas também se apresenta como discípula dele.

Maria vive para Jesus não apenas porque ele é seu filho, mas sobretudo porque é sabedora de que ele é o Filho de Deus e o salvador do mundo. Dessa forma, a primeira das discípulas dá o tom do que vem a ser o verdadeiro discipulado: fazer a vontade de Jesus.

Muitos cristãos desejam a vida de Cristo sem o discipulado. Querem tudo quanto Jesus pode dar, desde que não haja o seguimento e o compromisso. Na verdade, amamos Jesus e tudo quanto ele fez por nós, porém nos incomodamos com aquilo que ele nos manda fazer.

A fala de Maria (cf. v. 5) revela-nos uma verdade singular: Jesus sempre se apresenta na relação conosco como Senhor e, conseqüentemente, deveríamos fazer tudo quanto ele nos ordenar. Às vezes temos a tendência

– e, em muitos casos, a pretensão – de inverter essa situação e, dessa forma, apresentar-nos como aqueles que determinam o que Jesus pode ou não fazer em relação a nós. Não raro, observando o comportamento de muitos cristãos, tem-se a vívida impressão de que Jesus foi transformado num servo requintado que está à disposição deles.

Queremos a plenitude de Jesus em nós, mas temos dificuldade de nos dedicar completamente a ele. A espiritualidade vivida por Maria segue em direção oposta à nossa e, por isso, indica o bom caminho pelo qual devemos viver o discipulado. Para ela, o discipulado é a marca que distingue o verdadeiro do falso discípulo. Nesse sentido, a obediência e o desejo de servir se apresentam nela como elementos que a tornam discípula por excelência. Obediência e serviço estavam impregnados na maneira como Maria vivia. Eram como irmãs gêmeas que indicavam a melhor maneira de ser e fazer-se discípulo.

Maria estabelece a esperança como padrão de comportamento. Talvez seja necessário olhar a realidade com olhos marianos. Ela vê uma realidade e não se atreve a negá-la. A realidade vivida não é, porém, ainda a definitiva. Falta a ação de Jesus, que virá como o vinho melhor. Em Maria se antecipa a esperança. Através dos olhos dela, podemos ver mais além e enxergar a completude daquilo que nos falta.

III. Pistas para reflexão

– Quando perdemos a referência do comunitário, acabamos nos envolvendo no emaranhado de linhas do individualismo. E não há nada mais contrário à vida cristã do que o individualismo, que nega o encontro e a vivência em comum. Uma das mais importantes descobertas na vida cristã é justamente a percepção de que somente existimos para os outros e no encontro com todos os outros é que nos completamos. Não por outra razão, o apóstolo Paulo afirma que os cristãos individualmente formam, todos eles, o único corpo de Cristo.



– Obediência e serviço são duas das palavras mais difíceis de praticar. Ambas se apresentam como verdadeiro peso que não gostaríamos de carregar. Quão difícil é obedecer a Jesus e fazer sua vontade. É muito mais fácil reconhecer que ele é o Filho de Deus do que segui-lo como discípulo. Seria possível ser discípulo e missionário de Jesus sem obedecer à sua vontade e sem nos pôr a serviço de todos aqueles que precisam?

3º Domingo do Tempo Comum
27 de janeiro

I. Introdução geral

Nenhuma comunidade se constrói sem a palavra de Deus. Uma das provas irrefutáveis da fragilidade de uma paróquia se revela na pouca profundidade que seus fiéis possuem nas Escrituras. A palavra de Deus deve ser compreendida como o alimento sólido que leva a comunidade a caminhar, com passos firmes e seguros, para o futuro. Quando não nos alimentamos, o corpo enfraquece e desfalece. Imaginemos todo o corpo de Cristo tomado pela indisposição e pela letargia, marcado pela falta de conhecimento bíblico e, com isso, propenso a ser levado para lá e para cá por qualquer vento de falsa doutrina. O estudo das Sagradas Escrituras une irmãos e irmãs ao redor da mesma fé e os torna responsáveis uns pelos outros.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Ne 8,2-4a.5-6.8-10

A segunda leitura nos faz lembrar uma expressão curiosa: “O fio de três dobras não se rompe com facilidade”, diz um dos provérbios bíblicos. Imagine, então, todo um povo unido em direção ao mesmo objetivo! Pois é exatamente assim que se inicia a primeira leitura: “todo o povo, como se fosse uma única pessoa, se reuniu na praça...”. Reunidos, não há

espaço para interesses individuais e para a necessidade de reconhecer quem é mais e quem é menos. E qual era o motivo da reunião? Para que fosse lido o livro da Lei. Tratava-se, nesse caso, de uma catequese coletiva. Todo o povo reunido para ouvir a palavra de Deus. Uma reunião a que se pode atribuir quatro características, a saber: é espontânea, coletiva, harmoniosa e com um propósito. A comunidade se reunia ao redor da Palavra e procurava, com base nesse referencial seguro, traduzir em suas práticas diárias a vontade de Deus, que é sempre concretizada na partilha. Um povo que se reunia para se alimentar com o pão nutritivo da palavra de Deus e, assim, saciar a fome.

A reunião foi marcada pela atenção com que ouviam a leitura da Palavra, pela reverência (ficaram em pé), pela atitude de pôr o próprio corpo para participar dessa festa litúrgica (erguiam as mãos e respondiam com amém) e pelo choro resultante do fato de os corações terem sido atingidos em cheio pelo calor da palavra de Deus. A reunião do povo para escutar a Palavra não pode, porém, ser pensada como um momento de tristeza. Por isso, Esdras motivou-os a retornar às suas casas e celebrar a proposta de vida de Deus com muita alegria e comida, sem se esquecerem de partilhar com os que nada tinham. Afinal, se todo o povo era como uma única pessoa, nem uma pessoa sequer poderia passar fome e vivenciar a tristeza da carência. O compromisso com a Palavra causa profundas mudanças no povo de Deus.

2. II leitura: 1Cor 12,12-30

Paulo sabiamente utiliza o corpo humano como metáfora do modo pelo qual as relações entre irmãos e irmãs deveriam ocorrer na comunidade. Se a sociedade ao redor utilizava a imagem do corpo para justificar o poder de dominação, ao hierarquizar as relações entre uns e outros, o apóstolo pensa de forma contracultural e produz uma inversão sensacional: unidade na diversidade, tendo



por base os mais fracos. Cristo é a cabeça de um só corpo, e todos os membros estão nele integrados. No entanto, não é possível deixar de lado a inovação de Paulo, ao afirmar o critério de atenção aos membros mais fracos: “os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários” (v. 22).

A unidade do corpo passa pelo respeito a si próprio, assim como pelo respeito aos outros. Em relação a si próprio, é necessário saber quem se é dentro do corpo e assumir a própria função, sem dar margem a vaidades comparativas (“se não sou mão, então não pertencço ao corpo”, v. 15); relativamente aos outros, deve-se pensar sobre a responsabilidade ética que temos para com as demais pessoas que vivem e convivem conosco na mesma comunidade.

Para Paulo, é a percepção de que todos constituímos um só corpo que determina a construção de uma comunidade sadia. No v. 13, por duas vezes, o apóstolo falou do Espírito. Num primeiro momento, destacou que “fomos batizados num só Espírito” e, em seguida, afirmou: “todos bebemos de um só Espírito”. É preciso salientar o aspecto comunitário nas duas afirmações – “todos” –, indicando a superação de qualquer divisão na comunidade. O corpo é a comunidade, e o espírito envolve o corpo. Todas as patologias advêm justamente quando algum membro do corpo procura viver segundo o princípio da hierarquização e da dominação do outro. Não há espaço, na construção do corpo, para sentimentos de superioridade ou inferioridade. Em comunhão, vemo-nos como extensões uns dos outros e, portanto, não como competidores que precisam derrotar o outro. No corpo não há inimigos, e sim irmãos e irmãs.

3. Evangelho: Lc 1,1-4; 4,14-21

Estamos diante do programa de toda a atividade de Jesus. De forma inteligente, o texto é colocado precisamente no início da sua vida pública. Trata-se de seu programa de trabalho. Se alguém quisesse saber quais

seriam as ações, opções e comportamentos de Jesus, bastaria prestar atenção nas palavras que fluíam de seus lábios. As pessoas presentes na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Aquilo que Jesus tem para falar desperta a atenção de todos. Não são palavras vazias e sem sentido. São palavras carregadas de sentido, recheadas com um projeto de libertação. Palavras que vão ao encontro dos desamparados, para que eles possam se sentir seguros e protegidos por uma palavra viva que liberta. Percebe-se logo que o ministério (a vida) de Jesus está concentrado na periferia. Ele não se apresenta nos grandes centros nem frequenta as grandes cidades. Sua vida é direcionada aos oprimidos e vulneráveis. Ele decididamente permaneceu ao lado deles e, simultaneamente, condenou os opressores.

Ao ler o texto de Isaías 61,1-2 e aplicá-lo a si mesmo, Jesus assume sua vida e ministério no contexto em que está vivendo. Não é um alienado que fecha os olhos para o que tem diante de si. É sabedor da própria realidade. Ele não nega a realidade, mesmo que seja contraditória, opressora e criadora de pobreza e marginalização. Ao contrário, assume sua vocação em meio à forte contradição social e se faz solidário com aqueles que estavam sendo desumanizados e empobrecidos pelo sistema sociopolítico. A realidade que os pobres viviam não era estranha a Jesus, pois era uma realidade que também o alcançava, bem como sua família. O século I d.C. foi marcado por grandes catástrofes na Palestina: secas, furacões, epidemias, tempos de fome. As propriedades eram concentradas nas mãos de poucos e com isso aumentava o número dos sem-terra; os impostos aumentavam não apenas nas porcentagens a pagar, mas também em quantidade, pelo aparecimento de novos impostos.

O ministério de Jesus refletirá justamente essa situação. A multidão que o segue vive na periferia da vida, é uma quantidade



enorme de pessoas que vivem no anonimato. São pobres não porque sejam vagabundos e não gostem de trabalhar. São pobres, justamente, porque trabalham. Apresentam-se como vítimas de uma sociedade que cria a pobreza e faz da miséria um instrumento de riqueza de alguns poucos. A multidão que o segue passa fome e anda em busca de alimento como as ovelhas que não têm pastor para alimentá-las. Jesus não vira as costas para a multidão de pobres.

Diante da multidão, a única opção que lhe cabia era o exercício da solidariedade. A realidade que Jesus vivia era seu maior desafio. Ele se encarnava nela para que pudesse transformá-la. Jesus não se alienava da realidade, e suas palavras e ações não produziam alienação nos ouvintes. A relevância de Jesus pode ser vista justamente na maneira como assumiu a realidade dos pobres como se fosse a sua própria. Nesse sentido, o povo encontrava profunda relevância em suas palavras e gestos.

III. Pistas para reflexão

– Seria muito interessante utilizar os grupos de reflexão ao redor da Bíblia como termômetro para medir o compromisso com nossas paróquias. Temos facilidade de produzir grandes ajuntamentos para *shows* e não verificamos o mesmo entusiasmo e participação quando se convoca para estudar a Bíblia. Como poderemos conhecer o projeto de Deus para nossa vida e para nossa Igreja se não tivermos familiaridade com a palavra de Deus?

– Há, nas palavras de Jesus, um projeto de libertação integral para o ser humano. Ele fez uma ousada e decidida opção pelos mais vulneráveis de seu tempo. Ao olhar para as pessoas, não via, em primeiro lugar, os pecados delas, e sim o sofrimento que as atingia e subjugava. Em seu programa de atividade, lido na sinagoga, Jesus indicou, com todas as letras, os caminhos que haveria de trilhar. E quais são os nossos caminhos?

4º Domingo do Tempo Comum

3 de fevereiro

I. Introdução geral

Somos chamados por Deus para uma vocação histórica. É justamente na história que devemos construir o projeto que exige sempre inserção e protagonismos. Jamais podemos nos esquecer de que Deus age no mundo por meio de seus filhos e filhas. Todas as vezes que nos negamos a agir, sonegamos a ação libertadora de Deus na história de muitos. Da mesma maneira que ele assumiu a história do ser humano como se fosse sua, devemos assumir a história de todos os pequeninos que vivem na periferia, a fim de que também possam viver em abundância de vida.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Jr 1,4-5.17-19

Na primeira leitura, encontramos o próprio Jeremias relatando sua vocação. Ele recebe uma palavra, mas não se trata de qualquer uma. É palavra de Javé; portanto, algo dinâmico e poderoso. Uma palavra que não volta vazia, enquanto não cumprir o seu objetivo. Uma palavra que se realiza, que irrompe na vida do profeta e da qual ele não tem como desviar-se. Devemos também perceber, porém, que essa palavra é recebida dentro da história. Isso aponta para o caráter histórico e dinâmico da palavra de Javé. A palavra de Deus acontece na história – isto é, no dia a dia de homens e mulheres. Esta percepção de Jeremias é fundamental para entender sua vida, ministério e vocação: a percepção de que Javé lhe fala de dentro da história. O profeta não é chamado para se alienar da história, mas para viver, profunda e intensamente, o papel que Deus lhe concedeu viver.

Deus fala ao profeta: “eu o conheci”, revelando muito mais do que uma atitude teórica. Trata-se de conhecimento que se efetiva



no contato prático, na experiência do cotidiano, no relacionamento intenso. O texto não está dizendo que Javé apenas tomou conhecimento de Jeremias, que sabia de sua existência. Absolutamente, não! O texto bíblico está nos assegurando que, desde tempos remotos, Javé estava em relacionamento intenso com o profeta, dedicando-lhe cuidado, preocupação e providência.

Deus também acrescenta as palavras: “eu o consagrei”. Jeremias é separado por Javé do ambiente profano para viver uma relação especial com Ele. Privilégio, diríamos! Se olharmos bem, no entanto, veremos que esse “ser consagrado” não é atribuição de uma qualidade, e sim de uma função. Jeremias foi consagrado para viver uma função, uma tarefa. Enganam-se aqueles que pensam que a consagração fez dele uma pessoa superprotegida e intocável – triste engano. A leitura do texto bíblico nos levará a perceber um homem que viveu contradições, que passou vergonha, que apanhou e foi torturado; alguém que chorou nas mãos de Javé e nas mãos dos homens. Contudo, não desistiu nem de um nem dos outros! Do começo ao fim do livro, podemos perceber esse duplo vai e vem da vida consagrada do profeta. Sua dedicação a Javé é inquestionável, e sua opção pelo povo pobre e sofrido é de um colorido excepcional.

2. II leitura: 1Cor 12,31-13,13

A segunda leitura nos remete ao conhecido hino ao amor, do apóstolo Paulo, que deve ser lido, interpretado e vivido como uma proposta comunitária para orientar o povo de Deus. O caminho do amor (ágape) deve ser compreendido como entrega generosa e livre. E o ponto alto do ágape divino pode, sem dúvida, ser reconhecido quando Deus enviou seu Filho unigênito (Jo 3,16). Pode-se dizer que o amor de Deus se tornou visível no “ato de entrega”. Deus saiu de si mesmo para amar os seres humanos, os

quais, por serem imagem e semelhança dele, são capazes de amar. Nesse sentido, o amor na Igreja jamais poderia ser pensado e vivido de forma homeopática. Na Igreja, o amor deve ser tudo em todos.

Existem muitos caminhos pelos quais podemos andar. O apóstolo Paulo, porém, ensina-nos que há um caminho bem melhor. Infeliz é aquele que dá passos em vários caminhos e não chega a lugar algum. O caminho proposto por Paulo – o amor – é aquele que nos leva a atingir o alvo da vida proposto por Deus. Não é por menos que o apóstolo, nos v. 4-7, enumera 15 qualidades do amor. Sete vezes indica as coisas que o amor é e faz, e oito vezes o que o amor não é e não faz. O amor se manifesta como se fosse um grande lago no qual uma pedra lançada produziria ondas sucessivas. Somente o amor pode dar unidade interna ao cristão, bem como unidade à comunidade.

Não é suficiente ter fé e esperança. Mesmo que estas sejam elementos essenciais para construir a vida humana, o amor se apresenta como uma realidade que completa o ser humano e o leva a viver em nova realidade. A ausência do amor indica espaços de egoísmo, rixas, ciúmes que precisam ser urgentemente preenchidos. É o amor que nos move em direção aos outros e permite que derrubemos os muros causadores de separação. Quem não ama o outro também é incapaz de amar a si mesmo; quem não ama o próximo que vê, certamente não desenvolverá nenhum sentimento amoroso para com Deus. Amar, nesse sentido, não é uma opção que temos. Trata-se sempre de um imperativo.

3. Evangelho: Lc 4,21-30

A missão de Jesus se torna clara quando ele lê Isaías 61,1-2 na sinagoga de Nazaré. Não é, porém, somente a questão de leitura de um texto sagrado. É necessário perceber a ousadia de Jesus ao afirmar, após a leitura, que cada uma daquelas palavras se cumpria



nele. Ele assume, em seu modo de ser, pensar e viver, a tradição profética e, por isso, apresenta-se como o maior de todos os profetas. Um profeta que traz a boa notícia para os pobres porque foi ungido pelo Espírito de Deus. A presença nele do Espírito de Deus é fonte de libertação para os pobres e, ao mesmo tempo, ratifica sua missão junto àqueles que vivem na periferia da vida. Não se trata, no entanto, de libertação para uns poucos. Jesus utiliza o exemplo de outros profetas, Elias e Eliseu, com o propósito de mostrar que a mensagem de libertação não se restringe a um único povo. Os dois profetas operaram os milagres da ressurreição e da cura do leproso em benefício de estranhos. O próprio Jesus ressuscitará o filho da viúva de Naim (cf. Lc 7,11) e libertará da lepra um samaritano (cf. Lc 17,12). O ensinamento é muito claro: o que decide não é pertencer a um povo, mas a graça de Deus e a fome de salvação, cheia de fé e expectativa, das pessoas.

Não é possível e imaginável privatizar a salvação e a libertação de Jesus Cristo. Se muitos desejam colocar Jesus dentro de uma redoma a fim de manipulá-lo, sempre é de bom tom lembrar que ele desfez e desfaz todas as barreiras e fronteiras que queiram impedir seu projeto de libertação.

O projeto de Deus é global e tem início na comunidade dos oprimidos. Não existem fronteiras quando se fala em libertação. Jamais será possível confinar a Boa-Nova do evangelho entre quatro paredes. O hoje de Jesus anuncia a chegada do ano da graça. Em Jesus, o tempo é renovado com a renovação das relações entre as pessoas. Já não é tempo de escravidão nem opressão. Quando Jesus manifesta sua presença libertadora? Sempre no hoje de cada um de nós e de nossas comunidades. Em Jesus, o hoje se apresenta num *continuum* que atualiza sua presença libertadora. O tempo da salvação é anunciado e introduzido por ele. Sempre é hoje para Jesus!

III. Pistas para reflexão

– É possível perceber que o projeto de Javé se impõe a Jeremias de modo taxativo e determinante. Estaria o texto nos dizendo que o profeta se encontraria na absoluta dependência de Javé e teria consciência de ser mero instrumento nas mãos e nos planos de Javé? No entanto, Jeremias reage forte e imediatamente: “Ah, Senhor Javé, eu não sei falar, porque sou jovem”. Não se trata apenas de simples desculpa. Não é um exagero de Jeremias. Na verdade, seu argumento é convincente. Ele está dizendo que é jovem; não é ainda adulto; não é pessoa que tenha atingido a maturidade; não tem a vivência e a experiência dos mais velhos, como também não tem experiência para falar. Jeremias está querendo dizer, com todas as letras, que não deseja ser profeta. Contudo, Deus já o escolheu. Agarrou um instrumento aparentemente imprestável e o preparou para o exercício obediente da missão. Estamos preparados para a surpreendente vocação de Deus? Quais desculpas damos a Deus?

– Quem não ama o outro não é capaz de amar a si mesmo e muito menos a Deus. Como amaremos a Deus, que não vemos, se não amamos o outro, que vemos? Talvez seja necessário reconhecer que nenhum relacionamento vertical é possível se anteriormente não existir um relacionamento horizontal. Somente o encontro com o próximo nos leva ao encontro com Deus. Nesse sentido, devemos, com muito maior cuidado, reconhecer Deus na face de todas as pessoas com as quais vivemos e convivemos.

5º Domingo do Tempo Comum

10 de fevereiro

I. Introdução geral

Muitas vezes temos uma compreensão relativamente inadequada e parcial sobre o significado da palavra “santidade”. Na maioria das vezes, pensamos que a santidade estaria ligada unicamente ao indivíduo que a busca.



Nesse sentido, ela diria respeito restritivamente a uma pessoa. Todavia, os textos bíblicos nos sugerem que a santidade, ou o fato de ser santo, se manifesta principalmente na prática da justiça. Dessa forma, ser santo e/ou buscar a santidade não significaria tão somente aquilo que faço para Deus, mas também – e especialmente – aquilo que faço para os outros.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Is 6,1-2a.3-8

Para o profeta Isaías, ser santo significa principalmente praticar a justiça: “O Deus santo mostra sua santidade pela justiça” (Is 5,16). Sua compreensão de santidade passa automaticamente pela compreensão de purificação, mas, predominantemente, de purificação dos pecados de injustiça (cf. Is 1,10-20). Na vocação de Isaías no templo, sobressai sua visão do “santo, santo, santo” (Is 6,3). Visto que o Deus santo de Israel julga com justiça e exige a prática da justiça (cf. Is 11,3-6), não há nada mais consequente do que exigir do seu povo a mesma prática (cf. Is 5,18-19). Isaías faz eco à profecia ao salientar que a proposta de santidade, enquanto luta pela justiça, rejeita todas as formas de ritualismo que não sejam acompanhadas dessa prática efetiva. É preciso continuamente lembrar que os relatos de vocação sempre possuem uma dimensão coletiva. Deus chama para que se preste um serviço ao povo e, por conseguinte, o beneficiário da vocação nunca é aquele que é chamado.

É por meio do impacto ocasionado pela declaração da santidade de Deus que Isaías se torna consciente de sua impureza como ser humano. Se, de um lado, se encontra a santidade, do outro, encontra-se a impureza. Da reação do profeta diante da visão infere-se que a impureza é causada pelo pecado e por qualquer comportamento desfavorável

à comunidade. Verifica-se a purificação e a consagração de sua boca exatamente porque ele será destinado a falar. Para além disso, saliente-se o fato de o texto considerar que tanto o profeta quanto os destinatários possuem “lábios impuros”. Todavia, somente o primeiro é objeto de purificação. Quanto aos segundos – o povo, os líderes –, a purificação dependerá de como responderão à mensagem do profeta. Morar em meio a um povo de lábios impuros implica também, para Isaías, estar aprisionado na solidariedade da culpa coletiva. Há diálogo entre os “dizeres”, isto é, o profeta ouve, mas também fala. Isaías e Javé se comunicam. Há protagonismo do profeta e, necessariamente, uma autoafirmação como sujeito que tem direito à palavra. Nesse caso, não existe manipulação do discurso por parte de Javé. Que fique claro: no relato da vocação de Isaías, Javé não monopoliza a palavra.

2. II leitura: 1Cor 15,1-11

A afirmação da segunda leitura é fundamental para a fé cristã: Jesus morreu e ressuscitou. Trata-se do credo que Paulo recebeu e estava anunciando. Ele, Paulo, não é discípulo sozinho. É, antes, continuador de um caminho iniciado por muitos outros. Consciente de ser apenas mais um elo na grande corrente da fé, Paulo se apresenta como continuador do projeto de evangelização. A repetição da afirmação “segundo as Escrituras” (v. 3-4) justifica-se porque, para os primeiros cristãos, recorrer às Escrituras era um modo de afirmar a veracidade do presente que viviam. Assim, os primeiros missionários tinham a necessidade de demonstrar o caráter de cumprimento profético dos fatos que testemunhavam.

Nota-se também a descrição do testemunho das aparições: a Pedro, aos doze apóstolos, a quinhentos irmãos, a Tiago, a todos os apóstolos e, finalmente, a Paulo. O caráter do testemunho é essencial na vida cristã. Todos



são testemunhas do enorme impacto de Jesus na própria vida. Mais do que isso, cada uma dessas pessoas deve ser vista como um elo da mesma corrente. São testemunhas que assumem em seu próprio tempo uma responsabilidade. Possivelmente podemos dizer que elas têm consciência do que são. Ao olhar para essas testemunhas, os outros enxergam algo de diferente: nelas transborda a vida de Jesus. Como as pessoas crerão se não há quem fale? Somente o anúncio sobre Jesus, que morreu e ressuscitou, pode levar as pessoas a viver em novidade de vida.

3. Evangelho: Lc 5,1-11

A cena se passa no lago de Genesaré. Jesus, Simão, Tiago, João e uma multidão estão presentes. Num primeiro momento, Jesus ensina a multidão e, logo depois, sobe numa das barcas e segue pelo lago. Nesse momento, tem lugar um episódio no mínimo curioso: Jesus, que havia sido treinado por seu pai adotivo – José – na arte da carpintaria, passa a dar orientações sobre a arte de pescar. Ele orienta: “Levem o barco para águas mais profundas e lancem as redes”.

Possivelmente, a orientação de Jesus pareceu muito estranha aos ouvidos daqueles pescadores experientes. “Mestre, trabalhamos duramente a noite toda e não pescamos nada!” A reação de Simão é absolutamente natural: o que um carpinteiro poderia ensinar a um pescador? Será que Jesus não estava indo longe demais? Por que ele não se preocupava tão somente em ensinar a palavra de Deus? No entanto, sobrenatural é o que Simão diz logo a seguir: “Por causa das tuas palavras, jogarei as redes”. O que de fato importa é depositar a fé nas palavras de Jesus.

A obediência fez que pescassem tanto peixe, que as duas barcas estavam a ponto de afundar. Diante do espanto, Jesus inicia seu processo de discipulado. Daquele momento em diante, Simão seria um pescador de gente. Ele e seus amigos são chamados a

espalhar a Boa-Nova e, para isso, precisarão ir ao encontro dos outros. Já não ficarão envolvidos com redes, anzóis, barcos e peixes. Da solidão de um grupo pequeno, farão o caminho que os levará ao encontro das pessoas, para que elas possam saber que ainda lhes resta o mais fundamental dos encontros: o encontro com Jesus. Nesse momento, eleição e vocação se encontram numa só pessoa: Simão.

Jesus dirigiu a Simão uma palavra de movimento que o colocou diante de uma prova de fé. Era o exato momento para crer contra toda a esperança. A fé pôs Simão e seus companheiros em movimento. Mesmo cansados, após terem pescado por horas em vão, tiveram na fé um elemento motivador. Se à noite, a hora mais propícia para a pesca, o resultado fora completamente nulo, sob a palavra de Jesus as redes se encheram. Não se frustra aquele que deposita a fé nas palavras de Jesus. Se antes os amigos eram sócios na atividade pesqueira, a partir do encontro com Jesus estariam muito mais ligados para dar início à construção da nova sociedade. É interessante observar que os locais de vida de Pedro – por exemplo, o lugar onde ele orava, sua casa e seu ambiente de trabalho – são libertados da miséria, da doença, da desgraça e da falta de êxito. Mais vale a vida com a presença de Jesus!

“Não tenha medo” é uma expressão admirável de Jesus. Ele tira o medo de Simão e lhe dá uma tarefa. A presença de Jesus lança fora o medo e permite que se assumam funções antes ignoradas e/ou tidas como impossíveis. Os exemplos de Abraão e de Maria falam por si mesmos.

III. Pistas para reflexão

– É a presença de Jesus que lança fora o medo! A experiência de Simão é fundamental para compreendermos a maneira pela qual podemos “desmontar” os muitos projetos que nos causam medo. Antes de mais nada, é pre-



ciso considerar que Simão assume como se fosse dele as palavras e, portanto, o projeto de Jesus. São as palavras de Jesus as que realmente importam. Ele, Simão, passa a olhar a própria vida com outro olhar e, fazendo isso, percebe que algo pode ser diferente. Jesus ensina Simão a olhar para o mesmo lugar, porém de forma diferente, e isso faz toda a diferença.

– Somente um Deus santo poderia exigir santidade de seu povo. Assim como somente um Deus justo poderia exigir que seu povo viva a prática da justiça. Santidade e prática da justiça são complementares em Deus. A santidade de Deus se manifesta por meio de sua justiça: essa é a declaração do profeta Isaías. Talvez esteja mais do que na hora de pensarmos que a busca da santidade passa também, necessariamente, pela prática da justiça na vida cotidiana.

6º Domingo do Tempo Comum
17 de fevereiro

I. Introdução geral

Exercer a confiança em meio a dias tenebrosos é uma das maiores dificuldades do ser humano. Afinal, quando a noite escura da alma se instala na vida, é certamente mais difícil enxergar a luz de Deus brilhando. Jesus sempre apresenta nova possibilidade de vida. Na verdade, tudo quanto ele fala e faz causa verdadeiro espanto e, muitas vezes, leva-nos a sair do lugar-comum. Diante do risco da falta de sentido e de finalidade para vivermos e nos construirmos como seres humanos, ele se apresenta como “ressurrecto”. Nele, e somente nele, encontramos sentido para a vida. Ao contrapor as “bem-aventuranças” aos “ais”, Jesus proclama, com ar definitivo, ser necessário escolher em qual categoria de pessoa nos encaixamos: na categoria que caminha em direção aos pobres e aflitos ou na categoria que produz, justamente, a dor no outro.

Se consideramos que não há sofrimento estranho, logo concluímos que a melhor decisão é justamente aquela que fazemos com os nossos “pés”, ou seja, quando rompemos a bolha que nos isola de tudo e de todos e caminhamos em direção aos outros, preferencialmente àqueles que se sentem machucados e feridos pela vida.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Jr 17,5-8

A leitura do profeta Jeremias nos recorda o Salmo 1. Expressa o simples contraste entre a confiança na sabedoria humana e a confiança em Deus. A humanidade vive sob o curso do erro e da ilusão, enquanto a confiança em Deus é o caminho da bênção e da segurança. A razão do contraste é evidenciar como o trágico destino de Judá, apresentado nos vv. 1-4, pode ser essencialmente traçado como erros do entendimento humano.

A confiança no ser humano é contraposta à confiança em Deus. A confiança nas pessoas está assentada em valores instáveis e enganosos, como a riqueza, a sabedoria e a força física. A confiança em Javé, por sua vez, é tratada como algo inabalável, isto é, como algo que não se desmancha no ar.

As expressões que servem de referência ao apoio humano refletem a morte e a dor: “deserto”, “salgado”, “inabitável”. Já as expressões que se referem à confiança em Javé indicam vida: “água”, “rio”, “verdes”, “frutos”.

Talvez exista uma conexão mais profunda, baseada na compreensão de que o caminho da vida e da fertilidade não deve ser buscado em rituais confusos, mas na obediente confiança em Deus. A tranquilidade não se pode estabelecer sobre altares e postes sagrados, pois são provisórios e, em si mesmos, destituídos de vida. As forças desconhecidas e misteriosas da morte encontram resposta quando homens e mu-



lheres se enraízam às margens do manancial de vida, Javé.

Assim, para o profeta Jeremias, a vida pode ser definida com base no caminho a ser seguido. A confiança na própria força conduz o ser humano à injustiça, à exploração e à violência. Devemos, de fato, lembrar-nos que o profeta Jeremias é vocacionado por Deus para falar justamente contra os reis, os sacerdotes e os proprietários de terra, ou seja, contra o poder político, o poder religioso e o poder econômico (cf. Jr 1,18). Por outro lado, a fonte de todas as bênçãos reside justamente naquele(a) que segue, de forma confiante, o projeto de Deus.

2. II leitura: 1Cor 15,12.16-20

Entre os moradores da cidade de Corinto, a ressurreição era desacreditada. No entanto, negá-la seria o mesmo que aniquilar a esperança. Justamente por isso, na segunda leitura, Paulo é enérgico ao afirmá-la como fundamento da fé. Somente a ressurreição de Cristo é que pode, de fato e de verdade, dar sentido à vida e à morte de cada um dos cristãos. O apóstolo ensina os primeiros cristãos da comunidade de Corinto a esperar contra toda esperança, demonstrando que haverá a ressurreição dos mortos por causa da ressurreição de Cristo.

A ressurreição de Cristo marca o início de novo modo de os discípulos e discípulas de Cristo pensarem a própria história. Não se trata apenas de ver a história objetivamente, mas também de vê-la na perspectiva de Cristo. A ressurreição de Cristo indica não apenas o surgimento de nova humanidade, como também o modo de proceder segundo um novo projeto de vida.

A partir da ressurreição, nenhum esforço é em vão. Há, por trás de cada gesto e de cada ação, uma motivação superior aos desejos e ambições pessoais. Na ressurreição, a motivação nasce em Cristo e é depositada em cada coração. Assim, trata-se de motivação

externa, que age e interage com cada discípulo e discípula, transformando-os e motivando-os totalmente diante de uma sociedade sem sentido.

A ressurreição é apresentada por Paulo como algo que preenche a vida de sentido. Assim, no v. 20, ele inicia o período com uma conjunção adversativa (“mas”) para se contrapor aos coríntios que negavam a ressurreição e, finalmente, para fazer um ato de fé, proclamando alto e bom som: “Cristo ressuscitou dos mortos”.

3. Evangelho: Lc 6,17.20-26

Jesus se encontra entre seus discípulos e uma grande multidão de pessoas. Dele saía uma força chamada “esperança” para todos aqueles e aquelas que se sentiam doentes e desprezados. Sementes de esperança eram lançadas por Jesus a fim de que a vida pudessem ser resgatada e dignamente vivida.

Lucas deixa bastante claro que a vida é composta de “bem-aventuranças” e de “ais”. São quatro bem-aventuranças e quatro ais. Há equilíbrio entre bênção e denúncia. De um lado estão os pobres, os famintos, os que sofrem e os rejeitados; de outro, distantes, mas promotores da situação em que aqueles viviam, os ricos.

Jesus se apresenta como profeta que denuncia a produção de violência contra os pequeninos. Nesse sentido, ele dá continuidade à escola profética do Antigo Testamento. Sabe que a promoção da violência e da pobreza é um escândalo. Por isso, elas não podem ser consideradas naturais nem, muito menos, divinas. Pobreza e violência, nas Sagradas Escrituras, devem ser pensadas como *escândalo*. Deus jamais pode ser considerado a fonte da pobreza, nem, muito menos, deveríamos nos alinhar a construções teológicas que sustentam ser ele quem determina que uns sejam ricos e outros vivam na necessidade. A pobreza é um mal que estende suas raízes para o estabelecimento de



relações de dependência e opressão. Pobreza e miséria não têm como fonte Deus, e sim as anormalidades produzidas pelos sujeitos responsáveis pela construção da sociedade. Há miséria e sofrimento no mundo não porque sejam da vontade de Deus, mas porque as pessoas são vítimas indefesas da injustiça de outros. Os agentes da violência, da opressão e da injustiça possuem um poder que se opõe e contrapõe ao poder de Deus e deteriora as relações humanas, subjugando os diferentes e hierarquizando as relações. Certamente a existência da pobreza reflete uma ruptura da solidariedade entre as pessoas e da comunhão com Deus.

Para espanto de muitos, literalmente, Jesus diz que o Reino pertence aos pobres, aflitos e famintos. Os pobres são concretamente os herdeiros do Reino de Deus. Alguns sumários encontrados nos Atos dos Apóstolos (cf. At 2,42-47; 4,32-35), também um texto de Lucas, mostram-nos como se concretiza, no interior das comunidades originárias, a primeira bem-aventurança. Tanto Jesus quanto o evangelista Lucas estão de acordo com a tradição do Antigo Testamento, que atesta que a pobreza não é um estado invejável ou de idealização. No entanto, na perspectiva de sua pobreza, os pobres podem conhecer a felicidade, porque sabem que o Reino de Deus é para eles.

Dentre tantos temas e conteúdos riquíssimos da leitura do evangelho, é necessário ressaltar que não há nenhuma indicação de que os apóstolos se identificam com os felizes das bem-aventuranças. Jesus, ao se dirigir a seus discípulos e ao mundo, expõe-lhes duas categorias de seres humanos, e os ouvintes não conseguem saber previamente a qual das duas categorias eles próprios pertencem.

III. Pistas para reflexão

– Um dos mais belos textos das Sagradas Escrituras diz respeito ao tema da san-

tidade de Deus. O texto é o de Isaías 5,16: “O Deus santo mostrará a sua santidade por meio da justiça”. Seria possível, à luz desse texto, continuar a afirmar que a miséria e o sofrimento das pessoas se originam da vontade de Deus? Não seria justamente o contrário? A santidade de Deus nos leva, como filhos e filhas seus, a vivenciar no cotidiano os mesmos atos de justiça que se encontram nele?

– De que forma a ressurreição de Cristo pode produzir sentido e finalidade de vida para aqueles(as) chamados a ser seus discípulos e discípulas?

7º Domingo do Tempo Comum

24 de fevereiro

I. Introdução geral

As três leituras de hoje podem ser consideradas desafiadoras, pois exigem uma decisão. Diante delas, não podemos permanecer indiferentes nem, muito menos, tranquilos em nossa zona de conforto. São desafios seriíssimos porque dizem respeito ao que somos e fazemos em nossas relações. As três leituras nos mostram que não vivemos isolados, numa redoma de vidro. Dia após dia, uma grande rede de relacionamentos é construída por cada um de nós. Consequentemente, a cada dia é preciso responder aos desafios propostos pelos encontros e desencontros: fazer o bem ou o mal? Refletir o caráter de Jesus ou tornar a luz de Jesus opaca? Amar nossos inimigos ou apenas aqueles que nos fazem o bem?

O grande desafio lançado pelas leituras é nos transformarmos no que Cristo é. O padrão de construção do ser de cada um deve ser aquele encontrado em Jesus. Permanecer na condição do primeiro Adão é deixar de experimentar a nova vida em Jesus; se Adão representa o passado, a vida de Cristo se apresenta como o resgate do presente e a abertura para o futuro de esperança.



II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: 1Sm 26,2.7-9.12-13.22-23

Davi, tendo a possibilidade de fazer o mal, fez o bem. Os profetas, posteriormente, escreverão: deixem de fazer o mal e aprendam a fazer o bem. Saul e Davi vivem uma situação emblemática. A morte e a vida se encontram nas mãos deles, e cabe exatamente a eles decidir se um ou outro devem viver.

Davi sabe muito bem que não se deve levantar a mão contra o ungido do Senhor, compreensão que o texto bíblico faz questão de apresentar de forma duplicada (cf. v. 9.23).

A lança, um instrumento de guerra, que aparece no texto como a arma mediante a qual Saul poderia ser assassinado, é a mesma lança que o rei queria utilizar para assassinar Davi e Jônatas (cf. 1Sm 18,11; 19,10). A lança pode ser considerada símbolo do poder real. A pergunta de fundo é, justamente, esta: O que pode ser feito quando se tem o poder nas mãos? Qual a finalidade do poder? Seria ele um instrumento de dominação e de conquista de bens pessoais ou deveria ser compreendido como uma relação de poder-serviço?

Também precisamos levar em consideração que o texto da primeira leitura é uma construção textual pró-Davi; ou seja, o autor procura construir um relato que contraponha dois sujeitos e suas qualidades no exercício da realeza. Na contraposição e comparação, o texto deseja informar que Davi é muito superior a Saul e, por isso, o cetro real deverá pertencer a ele.

2. II leitura: 1Cor 15,45-49

O apóstolo Paulo é de uma sensibilidade teológica impressionante, que se manifesta, por exemplo, ao procurar demonstrar quanto Jesus é superior a qualquer possível comparação. O apóstolo, em suas cartas, muitas

vezes faz uso das duas narrações da criação que se encontram no livro do Gênesis, isto é, Gn 1 e 2, com o objetivo de compreender a própria história. Nesta segunda leitura, Paulo estabelece um paralelo entre Adão e Cristo a fim de salientar e explicar a grandiosidade de Cristo.

Se o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente, o último Adão se tornou espírito que dá vida (cf. v. 45). A contraposição está estabelecida e não deixa lugar a nenhuma dúvida. No Gênesis, o primeiro Adão, ou seja, aquele que nasceu do pó da terra, recebeu de Deus um princípio de vida. Cristo, porém, de forma diferente e potencialmente maior, recebeu o pneuma imperecível, isto é, que nunca morre. Assim, se o primeiro Adão está destinado à morte, o último Adão se tornou o verdadeiro princípio capaz de conferir essa vida a toda a criação.

Para Paulo, é justamente em Cristo e por causa de Cristo que se inicia a nova criação. Inicia-se a nova humanidade, que traz a marca da ressurreição de Cristo. É precisamente a ressurreição que, de fato, reumaniza o ser humano e o faz viver para Deus em Cristo. A nova humanidade significa que todas as coisas se fazem novas; dessa forma, a novidade de vida do novo humano se exprime, principalmente, em sua forma de se relacionar. No dia a dia dos relacionamentos, é possível encontrar os frutos desse novo estilo de vida.

Os v. 47-49 fazem a contraposição entre o primeiro homem, que é terrestre, e o segundo homem, que é celestial. Trata-se de contraposição essencial: se a humanidade que vinha de Adão era terrena, a humanidade redimida em Cristo é celestial; se todos os seres humanos são o que Adão era, todos poderão se transformar no que Cristo é.

A conclusão do apóstolo é formidável: “Assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste”; ou seja, os que



se transformarem no que Cristo é terão o mesmo tipo de corpo. Porque Cristo é a imagem originária de Deus, no seu modelo seremos renovados (cf. Ef 4,23). Assim, talvez pudéssemos testemunhar ousadamente como o apóstolo Paulo: “E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

3. Evangelho: Lc 6,27-38

As palavras de Jesus, em seu discurso, abalam razoavelmente a maneira de compreendermos o evangelho. Ele está falando do Reino de Deus e, para espanto de todos, as palavras que utiliza não se relacionam com as coisas ditas “celestiais”. Ao contrário, são palavras que remetem às relações interpessoais. É justamente aquilo que fazemos para os outros que nos define diante de Deus.

O seguimento de Jesus, no Evangelho de Lucas, está relacionado às atitudes dos discípulos. Não se trata, porém, apenas de fazer diferente. Trata-se, antes, de não reproduzir no cotidiano as relações baseadas na violência. Diante de uma sociedade que produzia uma espiral de violência, Jesus propõe relações humanizadas e que humanizem até mesmo aqueles considerados inimigos. A solução para os conflitos não é a utilização de mais violência, e sim ações permeadas de misericórdia. Se Deus é bom para com todos, por que nossa bondade seria seletiva?

Jesus indica uma série de ações que envolvem a construção de relações ótimas para a vida em sociedade. Por exemplo, o amor aos inimigos não é uma regra geral de conduta, mas, sim, uma atitude que caracteriza os discípulos de Jesus. Devemos, portanto, pensar que Jesus, ao se dirigir aos discípulos e discípulas tanto de ontem quanto de hoje, propõe uma “ética do relacionamento” ba-

seada no cuidado pelo outro: “Tratem as pessoas como vocês gostariam que elas tratassem vocês” (v. 31).

O modelo de cuidado nas relações proposto por Jesus se encontra em Deus e, mais especificamente, na misericórdia divina (cf. v. 36). Diante da crescente e avassaladora espiral da violência, faz-se necessário olhar para Deus e imitá-lo. Ao olhar para o Deus misericordioso, aplacamos a intolerância e a beligerância e produzimos misericórdia por meio de nosso agir e falar. Assim, quando amamos nossos inimigos, eles deixam de sê-lo para nós. E exatamente nessa “amorização das relações” geramos a esperança de que também deixemos de ser considerados inimigos por eles.

III. Pistas para reflexão

– “Sejam misericordiosos, como o Pai de vocês é misericordioso” (Lc 6,36). Jesus provoca tremenda reviravolta na maneira de as pessoas se relacionarem. A perspectiva utilizada por ele é sempre a da misericórdia. Por isso, podemos dizer que ele via primeiramente o sofrimento das pessoas, não o seu pecado. Nesse sentido, Jesus era um construtor de pontes, que o levavam ao encontro das pessoas não para condená-las, e sim para amá-las e salvá-las.

– A vida é feita de decisões. E para nós, discípulos e discípulas de Jesus, as decisões são mais exigentes. Afinal, devemos nos deixar moldar segundo o projeto dele. Não há como ser discípulo e discípula seguindo um projeto pessoal. Devemos compreender que o projeto de vida que somos chamados a viver é o de Jesus. Por conta disso, ao assumirmos seu projeto, tornamo-nos mais humanos, pois, ao refletirmos sua vida, humanizamos nossas relações construídas diariamente. ●

Folheto O Domingo – um periódico que tem a missão de colaborar na animação das comunidades cristãs em seus momentos de celebração eucarística.

Assine: assinaturas@paulus.com.br